INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

DENILSON DE SOUSA VIEIRA

A RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA DO HOMEM PARA COM DEUS NA PESQUISA FILOSÓFICA DE EDITH STEIN

7235
100
V657r

TERESINA
2022

ICESPI - BIBLIOTECA
15353 | 19-09-23

DENILSON DE SOUSA VIEIRA

A RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA DO HOMEM PARA COM DEUS NA PESQUISA FILOSÓFICA DE EDITH STEIN

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí para obtenção do título de Licenciado.
Orientador(a): Profa. Ma. Elisângela de Amaral Osório Soares.

TERESINA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Vieira, Denilson de Sousa

V658r A relação de dependência do homem para com Deus na pesquisa filosófica de Edith Stein. / Denilson de Sousa Vieira. - 2022.

52 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2022.

Orientador : Profa. Ma. Elisângela Amaral Soares Osório .

1. Ser finito 2. Ser eterno 3. dependência 4. Deus 5. Edith Stein I.Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB- 3/1704

DENILSON DE SOUSA VIEIRA

A RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA DO HOMEM PARA COM DEUS NA PESQUISA FILOSÓFICA DE EDITH STEIN

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: _____ de _____ de 2022.

Elisângela Amaral Soares Osório

Profa. Ma. Elisângela de Amaral Osório Soares

Orientador

Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho

Prof. Dr. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho

Examinador

_____

Prof. Ms. Antonio Danilo Feitosa Bastos

Examinador

Ao Deus Eterno: Pai, Filho e Espírito Santo, autor da minha vida e sentido da minha existência;

À Bem-Aventurada e sempre Virgem Maria, Mãe de Deus e minha, à São José e à Santa Teresinha do Menino Jesus;

À minha amada família, que é base do meu existir: minha mãe, Maria de Sousa Vieira, e meu pai, Dimar Vieira de Santana, aos meus irmãos, Dalvan de Sousa Vieira e Denisvan de Sousa Vieira, bem como à minhas cunhadas Jamiles da Costa e Elâne Fernandes, e a meus sobrinhos-afilhados Danilo e Eloá;

À Diocese de São Raimundo Nonato, na pessoa de Dom Eduardo Zielski, por confiar e investir em minha formação.

À todos que contribuem com o movimento vocacional Koinonia.

Ao Pe. Antônio Santos, pelo incentivo, acompanhamento e amizade neste itinerário formativo;

Aos meus irmãos de diocese Robert Gabriel, Marcos Maciel e Caio Torres pelo apoio e amizade;

Aos meu irmão e amigo, seminarista Edmundo Araújo, por me incentivar e apoiar neste percurso de pesquisa steiniana;

Ao meu primo e intercessor Elpídio Sousa (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, autor e princípio da existência, por tamanha bondade e amor para com este "servo inútil" e por permitir tamanha graça em concluir esta pesquisa;

À Nossa Senhora Mãe e Rainha, por interceder por mim a cada instante nesta árdua caminhada, bem como a Santa Teresinha do Menino Jesus e São José, meu padroeiro;

À minha amada família por me acompanharem e apoiarem em todos os meus passos;

À minha orientadora, Profa. Ma. Elisângela Amaral, por me instruir neste itinerário, conduzindo-me sempre a busca da compreensão mais profunda do ser finito e do Ser Eterno, me inspirando e iluminando caminhos para ultrapassar meus próprios limites e também por seu carinho e paciência;

À toda a equipe formativa do Seminário Maior Sagrado Coração de Jesus, em nome do Pe. Anderson Fábio, reitor da Casa da Filosofia pelo zelo e incentivo para com a minha vocação;

À minha paróquia São José, na pessoa do Pe. José Whashington, por todo apoio, orações, cuidado e confiança e ao grupo de oração Vida Nova, pelas orações e amizade, na pessoa dos irmãos e amigos de caminhada e missão: Elizete, Anderson, Sueli, Jaqueline, Erisvan, Fabricia, Josiene e Evanilza. Obrigado pela amizade que me oportuniza me aproximar de Cristo;

Aos meus amigos de longa data: Comadre Josefa, Juliana, Kairo, Vinicius, Leonícia, Acassio, Rosineide e Tia Raimunda, por sempre acreditarem em mim;

À toda a Renovação Carismática da Diocese de São Raimundo Nonato, pelas orações e confiança;

Aos irmãos e amigos de turma que na convivência fraterna tornam a cruz mais leve e a caminhada mais alegre: José Noé, Bruno Manoel, João Paulo, José Willian e Renato Freitas;

Àqueles que desde o início da caminhada formativa estiveram e continuam comigo neste incansável caminhar rumo ao sacerdócio de Cristo: Danilo Tavares, Erasmo Nery, Francisco Geraldo, Alexandre Freitas e Francisco Rickelme;

Ao meu irmão e amigo que Deus me presenteou por meio da vocação, Hugo Júnior, por sempre acreditar em mim e me incentivar, sendo sempre um ombro amigo em meio as aflições;

Aos meus irmãos e amigos seminaristas que sempre me incentivam e me presenteiam com as orações e a amizade: Marcos Antônio, Odair Bezerra, Matheus Soares, Francisco Diego, Lincoln Pereira e Lucas Pontes;

Aos irmãos das dioceses de Bom Jesus e Floriano pelo acolhimento neste ano formativo;

Aos meus professores que durante todo o processo de ensino me proporcionaram chegar até aqui, em nome das professoras Dalvani Cavalcante, Gizele Cristiane e Katharine Chaves, nas quais saúdo todos os que contribuíram com a minha formação desde os primeiros degraus;
Ao irmão seminarista Bruno Soares pela cooperação nos últimos detalhes deste trabalho;
Por fim, ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí com todo o corpo docente, por toda a sua dedicação no processo formativo.

"Para amar-te neste mundo não tenho nada mais que hoje."

Santa Teresinha do Menino Jesus

"Como a corça suspira pelas águas vivas, assim minha alma suspira por vós, ó meu Deus."

Salmo 41, 2

"Assim como a fugacidade e a caducidade do ser finito nos descobrem a necessidade de um ser eterno, de igual maneira a imperfeição de toda essência finita nos revela a necessidade de uma essência infinitamente perfeita."

Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein)

RESUMO

A presente pesqu tem por objetivo compreender a relação do homem para com Deus, na pesquisa filosófica de Edith Stein (1891-1942), utilizando-se de algumas de suas obras, dentre elas a sua principal, *Ser Finito e Ser Eterno*. Em seu itinerário filosófico, Edith utiliza-se da fenomenologia como instrumento de investigação minuciosa do ser do homem com o intuito de compreendê-lo, e a partir de suas investigações assimila que o homem é um ser finito que não é causa de si mesmo e depende de um Ser que está acima dele e que é causa de todas as coisas existentes, a este ela denomina como Ser Eterno. Com isso a temática em questão aparece relevante em suas obras, revelando, portanto, que o homem sendo este ser diferenciado dos demais animais e dos vegetais, é um ser criado com uma finalidade. Por fim, esta pesquisa apresenta, na visão filosófica da pensadora em questão, que o homem foi criado por Deus, é Ele que o mantém na existência e é para Ele que o homem está destinado.

PALAVRAS-CHAVE: Ser finito; Ser Eterno; Dependência; Deus.

RESUMÉN

La presente pesquisa bibliográfica tiene por objetivo comprender la relación del hombre para com Dios, en la pesquisa filosófica de Edith Stein (1891-1942), esta utilizando de algunas de sus obras, dentre ellas la su principal, *ser finito e Ser Eterno*. En su itinerário filosófico, Edith esta usando de la fenomenologia como instrumento de investigación exhaustivo de el ser del hombre con el intuito de entiendelo, y a partir de suyas investigaciones asimila que el hombre es un ser finito que no es causa de si mismo y eso depende de un Ser que está arriba de el e que es la causa de todas las cosas existentes, a este ella denomina como Ser Eterno. Com eso la temática em questión aparece relevante en suyas obras, revelando, por lo tanto, que el hombre sendo este ser diferenciado de los demás animales y de los vegetales, es un ser creado com una finalidad. El fin, esta pesquisa apresenta, en la visión filosófica de la filósofa en questión, que el hombre fue creado por Dios, es Elle que lo mantiene en la existencia y es para Elle que el hombre está pretendido.

PALABRAS-LLAVE: Ser finito; Ser Eterno; Dependencia; Dios.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **10**

2 EM BUSCA DO HOMEM **12**

2.1 A diferença dos vegetais e dos animais irracionais para o homem **12**

2.2 A caracterização do Homem **15**

2.2.1 O corpo material 16

2.2.2 Razão 18

2.2.3 Alma 21

3 O SENTIDO DA EXISTÊNCIA DO HOMEM **25**

3.1 O homem como um ser que busca o sentido da vida **26**

3.2 A filosofia do Ser de Heidegger a partir da visão de Edith **28**

3.3 O sentido do ser na perspectiva steiniana **31**

3.4 O Ser finito revela a necessidade de um Ser Infinito **33**

3.5 Quem é este Ser Eterno na visão filosófica de Edith Stein? **34**

4 O HOMEM COMO A REALIZAÇÃO DE UMA OBRA DE OUTRO QUE O ANTECEDE **37**

4.1 A relação de dependência do homem para com Deus **39**

4.2 Abertura do homem para Deus **42**

4.3 O homem como um espelho de Deus **45**

5 CONCLUSÃO **47**

REFERÊNCIAS **49**

1 INTRODUÇÃO

A busca pelo sentido da existência do ser perpassa todo o percurso da humanidade. Com o intuito de chegar a uma resposta convincente, muitos filósofos da modernidade se detiveram a esta pesquisa. Ainda assim, permaneceram muitas lacunas que não foram correspondidas, abrindo margem para maiores questionamentos. No período contemporâneo essa temática é retomada com a finalidade de se ter um aprofundamento acerca deste tema. Sendo, pois, atraída pela fenomenologia de Edmund Husserl, Edith Stein (1891-1942) aprofunda-se nas investigações acerca do homem, concebendo-o como um ser singular, pesquisando assim a sua essência e o sentido último de sua existência.

Através de suas investigações filosóficas, que visavam sempre a busca pela verdade, Edith Stein se questiona sobre: o que é o homem? E se coloca nesta busca por compreendê-lo, não apenas a sua dimensão corpórea, como também aquilo que existe em seu interior, diferenciando-o dos animais irracionais e dos vegetais. Neste sentido, ela investiga que coisa é o homem na sua singularidade, identificando-o como um ser tríplice, sendo dotado de corpo, razão e espírito. Com isso, aprofunda sua investigação com o intuito de compreender tais dimensões.

Edith não se contenta com a ideia de Heidegger, de que o homem é um ser simplesmente lançado no mundo, sem um fim último. Para ela, o homem é um ser colocado no mundo e mantido nele desde a sua concepção até o fim da sua existência. Além disso, ela defende a existência de um outro Ser que não seja finito, mas que seja eterno e imutável. Um ser que não é causado, mas que é causa da existência de tudo o que existe. Com isso, ela explica que o homem está destinado para este Ser, ou seja, a vida do homem não é simplesmente esta vida presente, mas o ser do homem anseia por algo que está além da realidade finita. Tendo por base a obra *Ser finito e Ser eterno* de Edith Stein, além de outros escritos de sua autoria e outros autores que relatam sobre tal tema, esta pesquisa visará esclarecer o questionamento: existe uma relação de dependência do homem para com Deus?

Assim, para melhor desenvolvimento deste trabalho, ele está estruturado em três partes. A primeira tem como objetivo apresentar a concepção de homem para Edith Stein, utilizando-se alguns de seus escritos, bem como de outros filósofos que trataram do tema em questão. Além do homem em si, Edith tem como finalidade diferenciá-lo dos demais animais e vegetais, demonstrando suas peculiaridades e distinções.

A segunda parte traz em questão a necessidade que o homem tem de Deus, observando a sua abertura para o transcendente, bem como a busca do homem por um sentido último de sua

vida. Ademais, procura apresentar a visão da pensadora sobre a filosofia do ser de Heidegger, e, posteriormente, expor a visão da própria filósofa no que concerne ao ser. Do mesmo modo, também visa revelar que a partir da investigação do ser finito, este demonstra a necessidade da existência de um Ser Infinito. Em seguida, será apresentado, baseado no pensamento da autora, quem é este Ser Infinito para o qual a investigação acerca do homem aponta.

Por fim, esta pesquisa evidencia o homem como a realização de uma obra que está além do tempo e do espaço, compreendendo que ele não é causa de si mesmo, da mesma forma que é um ser dependente daquele que o criou. Além da dependência que possui em si mesmo, Edith afirma que o homem tende para a união com Deus: seu ser se volta para o seu criador.

2 EM BUSCA DO HOMEM

Edith Stein no decorrer de sua vida percorreu os caminhos filosóficos em uma busca incansável pela verdade. Tinha sempre consigo uma visão crítica da realidade, porém, não no sentido negativo, mas com um intuito de não se conformar diante das categorias que lhe eram apresentadas de forma simples e fácil. Ela "buscava a verdade, e claro, respostas para seus questionamentos e anseios" (MENDES, 2013, p. 13). Neste itinerário tinha como desejo central encontrar respostas convincentes para os questionamentos que a cada dia se tornavam latentes em seu ser. Questionamentos esses que se referiam ao sentido da sua existência, "[...] uma vez que, o que mais lhe afligia era exatamente a angústia de ainda não haver encontrado a verdade e a realidade que ela pressentia existir, como algo 'absoluto', este que projetava-se para além de uma verdade material e imediata oferecida em seu tempo" (MENDES, 2013, p. 14).

Em seu percurso filosófico e voltando sua pesquisa para a questão do homem, Stein sente a necessidade de perguntar: O que é o homem? E em busca da resposta a essa questão encontra no homem características que o distingue dos demais seres e animais existentes no mundo. Através disso ela caracteriza-o, apresentando suas peculiaridades e em que áreas ele se torna diferente dos animais irracionais e dos vegetais, seres que não possuem em si as mesmas peculiaridades do homem.

2.1 A diferença dos vegetais e dos animais irracionais para o homem

Em suas investigações acerca dos vegetais primeiramente volta sua atenção aos animais, com o intuito de diferenciá-los um do outro. Isso faz com que Stein caracterize os animais como "algo" diferente dos vegetais. Ela percebe que os animais são dotados de uma liberdade de mover-se de um lugar para outro e os vegetais são vetados de tal característica. Ela mostra tal ideia em sua obra *Estrutura da pessoa humana,* dizendo que

> em nossa tentativa de capturar e definir o que é especificamente vegetal, já nos deparamos com o que é especificamente animal. A definição tradicional do animal como sendo dotado de capacidade de se mover livremente no espaço e da capacidade de sentir é fenomenalmente corroborada (STEIN, 2003, p. 608-609, tradução nossa)[1].

[1] "Em nuestro intento de captar y delimitar lo especificamente vegetal ya nos hemos topado com lo especificamente animal. La definición tradicional del animal como el espacio y de la capacidade de sentir está corroborada fenoménicamente."

Os animais têm a capacidade de mover-se e agirem conforme os seus instintos, exercendo sua liberdade. Tal liberdade não é concebível aos vegetais. Segundo Stein, por ser um ser corporal, o homem, assim como as demais coisas existentes, está sujeito às mesmas leis e está inscrito no quadro da natureza material. Isso lhe torna, em estado de matéria, semelhante aos outros seres existentes.

Ainda relacionado à alma vegetativa, Ângela Ales Bello afirma que: "[...] Edith Stein foi impelida a retomar o tema da alma vegetativa que constitui o princípio vital das plantas, envolvendo-as no interior e orientando-as para o exterior, em especial, na direção da luz" (BELLO, 2014, p. 78). A confirmação da alma vegetativa das plantas, segundo o pensamento de Edith, se dá ao observarmos uma roseira que, estando em um ambiente sombrio, e neste, entre alguma claridade da luz solar, com o passar do tempo, volta os seus galhos para esta claridade. Isso demonstra que a alma da planta (seu interior) está impulsionando o exterior a buscar aquilo de que necessita.

Segundo o pensamento de Stein, exposto por Bello em seu livro *Edith Stein: A Paixão pela verdade*, essa tendência para a luz que a planta tem assemelha-se metaforicamente a um elo entre a terra e o céu. Embora a planta seja carente de movimento espacial, esta tendência apresenta-se, porém, como centro do seu movimento.

Seguindo este mesmo pensamento, agora se voltando para os animais, Bello afirma o seguinte:

> O movimento do mundo animal tem características diferentes. De fato, solicitado pelo exterior, ele encontra uma correspondência no interior. Trata-se de uma relação de estímulo-reação que supera um esquema puramente mecanicista e que contrapõe o comportamento inquieto do animal à quietude da planta (BELLO, 2014, p. 79).

Conforme este pensamento da autora, é possível afirmar que os animais têm essa diferença quanto aos vegetais, pois diferentemente destes, os animais são impulsionados por estímulos externos, e a partir de então são impelidos a reagir conforme ao que lhe está sendo exposto. E dessa forma, o animal reage instintivamente; ele se torna dominado pelos estímulos que lhe estão sendo impostos.

Tendo a liberdade, os animais irracionais se destacam em relação aos vegetais, pois além do mover-se, eles possuem em si os instintos, que lhes proporcionam a capacidade de agir a partir de motivações internas ou externas. Se torna perceptível às reações dos animais através de suas expressões. Eles podem expressar variados sentimentos: raiva, medo, alegria, tristeza. É neste ponto que existe outra distinção dessas duas espécies. Mesmo os homens, como os

demais animais, possuindo instintos e serem, de certo modo, impulsionados por estes, eles possuem um grande diferencial: são dotados de razão.

Outra característica que liga o homem aos animais irracionais é o fato dele ser um corpo dotado de alma, ou seja, um corpo animado, no qual, através desta alma que lhe dá vida, o animal pode se mover e agir conforme os seus instintos. Esta alma "[...] está intrinsecamente ligada ao corpo: lhe dá forma e vida, [...]" (STEIN, 2003, p. 611)[2]. Sem a existência dessa alma, o corpo não passaria de uma matéria morta. Seria semelhante aos materiais que não possuem vida, como por exemplo, as pedras, podendo ser transportado de um lado para outro simplesmente por forças externas.

Sabendo que os animais irracionais possuem a alma que dá vida ao corpo lhes possibilita serem seres livres, podendo mover-se dentro do espaço, entende-se que essa mesma característica pode ser atribuída ao homem. O homem, sendo um animal animado, é dotado de liberdade no tocante ao mover-se. Tendo essa característica que se assemelha aos irracionais, surge, por outro lado, uma característica própria do ser humano que é o livre arbítrio. E o que é esse livre arbítrio? Esse livre arbítrio consiste em ter em si a liberdade de escolher, optar por aquilo que melhor lhe convém.

Compreendendo os vegetais, os animais irracionais e os seres humanos é perceptível que em todos eles há essa ação que os conduz a algo maior que está além deles. As plantas, através do seu interior são conduzidas para a luz. Os animais são motivados do exterior para o interior e o homem, em seu íntimo, carrega a abertura para algo maior. Nesse contexto, compreende-se que todos os seres existentes estão voltados para um Ser que está acima de si, e que conduz todo o seu existir.

A razão proporciona ao ser humano poder avaliar o seu modo de agir, tendo em vista que, sendo impulsionado pelos instintos, pode ou não conceder a sua ação meramente fundamentada neles. Para que se compreenda um ser como pessoa é necessário, exatamente, que ele tenha essa característica da racionalidade. Isso é afirmado por Cruz, quando diz: "Agora, para que uma substância concreta e corpórea seja pessoa, se requer que seja vivente (uma pedra não é pessoa) e racional (pois o animal não é pessoa). Toda pessoa tem, pois, a característica da racionalidade" (CRUZ, 2018, p. 17). É a racionalidade que caracteriza e define este ser que, diferente dos seres inanimados, possui vida e sendo comparados aos vegetais e animais se difere por, além da alma que dá vida ao corpo, possuir a razão.

---

[2] "Está estrechísimamente ligada al cuerpo: le da forma y vida."

Um exemplo que pode ser colocado para ilustrar esta diferença é exatamente quando uma cobra se sente ameaçada ela age por meio de seu instinto para se autodefender. O modo de agir da cobra é atacando aquele que está ameaçando-a. Já o homem, sentindo-se ameaçado, tem a capacidade de avaliar racionalmente o que melhor lhe convém fazer, mesmo que por seu instinto a sua ação fosse atacar de alguma forma para se defender. Porém, ele, por natureza, age racionalmente não apenas respondendo aos seus instintos.

O homem, ao ser racional, não discerne somente pelo que é bom para si, mas vivendo em um âmbito comunitário, na vivência com outras pessoas, não pensa somente em si e tem a sua visão voltada para tudo que está ao seu redor. Ele tem a consciência que suas atitudes implicam não apenas para si, mas podem chegar ao âmbito social. Por isso a importância de ter consciência de agir da melhor forma, visando o bem para si e para a comunidade.

Intimamente ligado com a razão e para que esta cumpra o seu papel, pode-se observar que Edith atribui outra característica única ao humano: a liberdade. A liberdade do homem não consiste, apenas, no mover-se, como é dada aos demais animais, e sim algo que vai além disso. Juntamente com o movimentar-se, o homem se torna livre por possuir em si a capacidade de raciocinar, de pensar e poder escolher o que melhor lhe convém, seguindo seus desejos, visando sempre o que lhe é positivo. Essa liberdade consiste na capacidade de transcender, ou seja, não está preso ao corpo material, mas, através de seu ser espiritual, penetra em outras realidades e pode acessar outros ambientes através de seus pensamentos. Além de ter o conhecimento do que está além de si, possui a capacidade de conhecer a si.

Tendo em si a racionalidade e a liberdade, o homem possui o livre arbítrio, que consiste exatamente em poder escolher racionalmente aquilo que para ele é correto. Pode assim reconduzir o seu modo de agir para outro rumo que não necessariamente seja aquele conduzido pelo instinto.

Stein volta o seu olhar para o homem, investigando a sua particularidade em relação aos vegetais e animais irracionais, e compreende que ele, diferentemente dos demais seres, é caracterizado por uma tríade: corpo, alma e espírito. Cada uma dessas dimensões faz com que o homem seja um ser individual, que não se limita em si mesmo, mas tem uma transcendência.

2.2 A caracterização do Homem

Tendo apresentado algumas características acerca do homem, no pensamento de Stein, permanece ainda o questionamento: O que é o homem? Em sua busca por encontrar algo que o defina, ela recorre a antropologia, que se baseia nas ciências naturais. Porém, não encontra nesta

uma base que dê visibilidade ao que é o homem por completo. Não se limitando à esta ciência "[...] Edith Stein investiga o campo oposto ao das ciências naturais, e busca nas ciências do espírito um modelo que dê conta da estrutura humana em todas as suas dimensões, de sua individualidade [...]" (KUSANO, 2014, p. 67).

Em sua obra *A Estrutura da Pessoa Humana,* Stein caracteriza o homem como "[...] uma coisa material como qualquer outra, está submetida as mesmas leis e está inscrito no âmbito da natureza material" (STEIN, 2003, p. 591-592)[3]. Denota com essas palavras que o homem, assim como os outros seres existentes, sejam eles animados ou inanimados, possui um corpo físico, constituído de forma e matéria.

Identificando esta realidade corpórea do homem, se torna muito limitado caracterizá-lo apenas neste aspecto, pois para Stein, "com efeito, na experiência natural nunca vemos o homem somente como um corpo material" (STEIN, 2003, p. 592)[4]. Além de ter um corpo material, se encontra nele duas outras dimensões: alma e espírito.

A alma, no pensamento de Stein, é o que dá vida ao corpo, e essas duas dimensões são inseparáveis. É impossível que exista um corpo vivo sem alma, ao mesmo tempo em que não se torna concebível uma alma sem o corpo. "O que chamamos de 'corpo vivo' não é qualquer corpo material, mas um corpo animado" (STEIN, 2003, p. 619)[5]. Esses dois âmbitos da pessoa humana estão entrelaçados e um dá sentido ao outro.

No concernente ao espírito do homem, este, dá a ele liberdade de transcender. Esta transcendência permite-o buscar o conhecimento de si mesmo e do que está além de si. No que se refere a isso Edith afirma: "Enquanto o homem é espírito segundo sua essência, sai de si mesmo com sua 'vida espiritual' e entra em um mundo que se lhe abre, sem perder nada de si mesmo" (STEIN, 2019, p. 387-388).

2.2.1 O corpo material

A partir da concepção de Edith Stein sobre o homem, percebe-se que a primeira característica típica deste ser é que ele possui um corpo físico, composto por matéria e forma. Assim como os demais seres físicos existentes o homem possui um corpo material.

---

[3] "Uma *cosa material* como cualquier outra, está sometido a las mismas liyes y está inscrito em el marco de la naturaliza material."
[4] "Em efecto, em la experiencia natural nunca vemos al hombre *solamente* como um cuerpo material."
[5] "Lo que denominamos 'cuerpo vivo' no es um cuerpo material cualquiera, sino em cuerpo animado."

> Se compararmos o corpo do homem com os "materiais" que constituem o grau mais baixo de "matéria formada" que conhecemos, vemos, por um lado 'pedaços' de uma "matéria formada" que conhecemos, vemos por um lado 'pedaços' de uma "massa" [...]. Por outro lado, estruturas que correspondem essencialmente a uma certa forma fechada sobre si mesma, que não são peças, mas exemplares da espécie humana e não permitem que a partição ou sua união com outras formem uma massa homogênea (STEIN, 2003, p. 596)[6].

Ao mesmo tempo em que o corpo humano é uma matéria semelhante às demais matérias existentes se caracteriza de uma forma peculiar. Ao contrário de matérias que unindo duas peças do mesmo tipo podem formar um corpo homogêneo, o corpo humano, sendo uma espécie de modelo idêntico um ao outro, não é caracterizado como "peças de um quebra cabeça" que se encaixam e formam um corpo único. Pelo contrário, sendo semelhantes, a junção de dois corpos do homem não forma um só corpo porque cada um carrega em si a sua individualidade.

A caracterização do homem como dotado de corpo, segundo Edith Stein, se dá a partir desta concepção de que similar, em partes, aos demais seres dotados de corpo, o homem possui este corpo material, porém com alguns diferenciais. Da mesma forma que os materiais se desenvolvem, é natural que, como as plantas e os demais animais, o homem por si só se autodesenvolva durante toda a sua vida, a começar pelo seu corpo e prolongando pelas demais dimensões que compõem a pessoa humana.

Para que se perceba o seu próprio corpo material o homem utiliza-se das sensações. Por meio das sensações o homem se encontra corporalmente.

> O homem pode perceber que é corporeidade por meio das sensações, como, por exemplo, quando ele sente frio ou experimenta a sensação de dor. Stein concebe uma imagem positiva do corpo. Ele é o que define a pessoa, é a fonte de vida espiritual, ou seja, tudo o que afeta o homem. (ROSA; SILVA, 2015, p. 94)

Através do sentir, o homem encontra-se no seu corpo e a partir disso ele passa a perceber-se, e depois disso a questionar-se sobre a sua própria existência. Para que o homem se perceba, se faz necessário possuir uma racionalidade intrínseca a ele. É esta racionalidade que o proporciona a capacidade de se questionar e investigar sobre a sua própria existência. É nela também que o homem consegue ver os limites do seu corpo e da sua existência.

---

[6] "Si comparamos el cuerpo del hombre com los 'materiales' que constituyen el grado más bajo de 'materia com forma' que conocemos, vemos, por um lado, 'pedazos' de uma 'masa', para los que no es em modo alguno essencial tener precisamente este tamaño y esta forma, y que permiten tanto la unión com otros trozos del mismo material como ulteriores particiones. Por outro lado, estructuras a las que corresponde essencialmente uma hechura *determinada y cerrada em sí mísma*, que non son pedazos, sino ejemplares de la espécie hombre, y no permiten su partición ni su unión conotros para formar uma massa homogénea."

No que se refere a individualidade de cada pessoa humana Kusano afirma:

> Importante e fundamental se torna, então, considerar que cada pessoa é singular, não se repete, mas é relevante também admitir que 'esta caracterização diferenciada do humano é recortada por outra mais simples: a diferença sexual' (KUSANO, 2014, p. 81).

Esta afirmação pode ser entendida pelo fato de ser notório que nenhuma pessoa é idêntica à outra. Até mesmo os gêmeos univitelinos possuem entre si as suas diferenças, mesmo que mínimas, mas existem neles características que os diferenciam fisicamente. Ainda de acordo com essa afirmação, outro ponto que se pode destacar da unicidade de cada pessoa humana é a digital. Em cada pessoa existe uma digital única, impossível de ser encontrada outra com os mesmos traços.

É válido salientar, portanto, que a individualidade da espécie humana está presente em cada indivíduo e cada um, assim como existe em si as diferenças físicas, possuem também as diferenças de personalidade, tendo um jeito único de existir, pensar, agir, etc. Mesmo que coincida em alguns pontos específicos, não é possível que o homem se repita em totalidade com o seu semelhante. O homem é um ser unitário.

2.2.2 Razão

A dimensão racional na pessoa humana é algo discutido entre os filósofos desde a Antiguidade, o que fez com que esse questionamento perdurasse até a atualidade. O pensamento de Platão, segundo Luciene Maria Bastos, em seu artigo intitulado *Platão e a formação humana na república*, afirma que

> Para Platão, na alma "há um princípio melhor e outro pior", ou seja, existe uma parte racional que comanda, e uma que obedece, a irracional composta de paixão, desejo, apetite. Esta última pode se recusar a obedecer, quando seus desejos e apetites se torna tão fortes que não escutam a razão (BASTOS, 2013, p. 296).

A partir desta divisão da alma compreende-se que o lado racional é o que tem o poder de decidir. Assim, o homem continua sendo um ser de razão mesmo quando impulsionado por seus instintos, já que não são estes que detém em si o poder da decisão sobre as ações, mas é o próprio homem, por meio da sua racionalidade que decide por agir ou não, atendendo aos apetites e desejos corporais. Os instintos não são os provedores da ação humana, mas sim o

ICESPI - BIBLIOTECA
15353 | 19-09-23

homem, por querer satisfazê-los e consequentemente se sentir satisfeito e para tal decide por atendê-los ou não, levando sempre em consideração que nem tudo o que os apetites e desejos fomentam levarão a pessoa humana ao bem, mas em alguns casos apenas a satisfação momentânea.

Ao contrário dos animais irracionais, o homem possui uma diferenciação importante e que o torna distinto. De acordo com Nogueira, "o animal carece de sentido interno e sua alma não possui profundidade. Na pessoa humana existe um núcleo interior, a 'alma da alma', o 'interior mais íntimo, o mais espiritual'. Em resumo, o ser humano possui uma alma racional como morada do espírito pessoal" (NOGUEIRA, 2019, p. 553). Nisto se concentra a diferenciação do homem para os animais: os animais não possuem a profundidade da alma, são movidos por algo interno, mas simplesmente instintos, ao contrário do homem que na sua alma possui a racionalidade para lhe instruir mediante o decorrer da vida.

Stein considera um ser dotado de razão como "[...] uma criatura que pode compreender a normalidade de seu ser próprio e, assim, pode orientar-se com seu comportamento. Além disso, corresponde o *entendimento* como dom de compreensão e a *liberdade* como o dom de configurar por si mesmo o próprio comportamento" (STEIN, 2019, p. 386). Entende-se assim que o ser humano tem a capacidade de discernir o seu modo de agir através da razão, podendo utilizar-se dela para compreender a si mesmo e pela liberdade que carrega em si, orientar o seu comportamento.

Stein defende que no ser humano existe uma unidade, ao contrário de Platão, que afirma que a razão é a parte superior da pessoa humana. Para a filósofa, não é concebível a ideia da separação das dimensões, pois, para ela, a pessoa humana é um ser composto por corpo, razão e alma. Porém, ao mesmo tempo sendo composto, não existe uma separação ou uma classificação em que uma dessas dimensões é superior a outra, pelo contrário, só existe a pessoa humana porque é composta por essas três dimensões que não são encontradas em outros seres. Cada dimensão possui a sua finalidade e ambas unem-se dando esta peculiar característica ao homem, de ser um ser unitário. É através dessa unidade que "[...] pode-se alcançar a compreensão correta de cada um dos 'estratos ou componentes' do ser humano" (STEIN, 2019, p. 20). Não é possível, pois, conceber a pessoa humana sem esta peculiaridade que a distingue de todos os outros seres.

Além de ter em si a capacidade de racionalizar, o homem é um ser livre, que tem o poder de escolha. Com isso, mediante as sensações e tudo o que envolve o homem, ele, por meio da racionalidade, possui a capacidade e liberdade de discernir o que melhor lhe convém. Capacidade esta que os animais inferiores não possuem e agem meramente pelo instinto. De

acordo com Stein, "por 'pessoa' entendemos o eu consciente e livre. É 'livre' porque é 'dono de seus atos', porque determina, a partir de si mesmo, sua vida, sob a forma de 'atos livres'" (STEIN, 2019, p. 398).

Deste modo, o homem não é aprisionado por seus instintos, nem vive assemelhando-se aos seres irracionais que não possuem em si o poder de escolha, mas com esse diferencial se torna livre e distinto dos demais seres. Mesmo quando o homem opta por não agir racionalmente, mas atendendo meramente os desejos dos instintos, ainda neste momento ele está se utilizando da razão para tal escolha. Isso demonstra que a dimensão racional é algo intrínseco ao ser humano e em seus atos, mesmo que imperceptíveis ele se utiliza da razão para agir.

Indo de encontro a esse pensamento de Stein no que diz respeito ao uso da razão, Urbano Zilles em *Diálogos com Edith Stein* afirma que:

> Quando, por exemplo, queremos abrir mão da razão para liberar nossa animalidade ou nossas emoções, o fazemos racionalmente. Não temos como viver nosso caráter material e animal sem a razão. Não deixamos de ser racionais quando amamos ou rezamos (ZILLES, 2017, p. 372).

Entende-se, portanto, que mesmo o homem decida agir movido por sentimentos contrários à razão, ele não consegue agir de forma não racional, pois o fato dele optar por agir conforme os seus desejos, já que utiliza a razão para tomar tal decisão. A razão é algo intrínseco ao ser humano, de tal forma que quando se fala em homem já se pensa em um ser racional e livre, capaz de questionar sobre tudo o que está em seu entorno, inclusive sobre ele próprio.

Para que se compreenda melhor o homem como um ser dotado de razão, vale ressaltar que a razão dá ao homem a capacidade de compreender o que está ao seu redor, e através dela discernir o que melhor convém à pessoa humana optar, tendo em vista que ela não visa satisfazer os desejos meramente carnais, mas busca o que possa trazer benefícios para a pessoa humana.

No entanto, recorde-se que aquilo que é compreendido através da razão por uma pessoa, não o é necessariamente da mesma forma compreendido por outro. "Meu conhecer é único e exclusivamente meu: não pode ser ao mesmo tempo o conhecer de outra pessoa" (STEIN, 2019, p. 129). Stein leva em consideração que o modo de percepção e racionalização do indivíduo é algo subjetivo que está presente em todos os seres humanos. Por esta razão, não necessariamente todos tendem a ter a mesma visão sobre o mesmo objeto. No entanto, é válido salientar que mesmo havendo essa distinção de pensamento, pode haver também a linearidade no pensamento de pessoas diferentes. "Cada homem tem seu 'mundo conceitual' que pode

coincidir não somente com o mundo real, mas também com o 'mundo dos conceitos ideais' e com os mundos conceituais de outros" (STEIN, 2019, p. 130).

Através do raciocínio o homem passa a observar o mundo ao seu redor, bem como as realidades de cada ser existente, incluindo ele próprio. Ao investigar sobre si, o homem encontra as diferenças em comparação aos outros seres e animais. Porém, mesmo com essa capacidade ele sente-se limitado, pois não consegue alcançar as respostas para todos os seus questionamentos, fazendo com que permaneça sempre em busca de algo que está além de si mesmo.

Stein, fazendo uma análise do pensamento de Tomás de Aquino em seu livro *Edith Stein: textos sobre Husserl e Tomás de Aquino,* afirma que para Tomás, ao se buscar o conhecimento, a via racional é apenas um dos caminhos pelo qual se pode chegar a ele, ou seja, existem outras vias pelas quais se pode alcançar o conhecimento da verdade (STEIN, 2019).

2.2.3 Alma

Sabendo que o homem, na visão filosófica de Edith Stein, é um ser de unidade, composto por três dimensões diferentes, porém unidas, vale investigar agora a respeito da terceira dimensão, a alma. Esta, diferentemente do corpo material e da razão, tem um diferencial muito grande, sendo considerada o núcleo da pessoa.

> [...] a alma humana, com sua estrutura pessoal e sua qualificação individual, revelou-se a nós como a forma de tudo. Contudo também chamá-lo de 'núcleo da pessoa', porque o todo ao qual damos o nome de pessoa humana tem em si o centro de seu ser (STEIN, 2003, p. 669)[7].

Segundo Stein, a alma é este núcleo, o centro da pessoa humana. É deste centro, ou núcleo, que emana todo o ser da pessoa. Para ela a "[...] alma, é o princípio de todas as manifestações e atividades vitais do ser vivo" (STEIN, 2003, p. 618)[8]. Assim, entende que é a alma que proporciona ao corpo humano perceber o mundo e a si mesmo por meio dos sentidos.

Conforme o pensamento de Ales Bello, Edith adentra na mesma linhagem platônica, afirmando as duas partes da alma humana:

---

[7] "[...] el alma humana, com su estrutura personal y su cualificación individual, se nos ha revelado como la forma de todo el individuo corporal y anímico. Suelo denominarla también el *'núcleo de la persona'*, porque el todo el todo al que damos el nombre de 'persona humana liene em ella el centro de su ser."

[8] "[...] alma, que es el principio de todas las manifestaciones y actividades vitales del ser vivo."

> O que geralmente chamamos de alma humana consta de duas partes: uma propriamente psíquica, em estrita ligação com a corporeidade, portanto com o reino da natureza, e outra, espiritual, na qual se manifesta a liberdade. Estas duas partes estão de um lado em contato com a natureza e, de outro, com a esfera espiritual (BELLO, 2014, p. 88).

No que diz respeito ao âmbito espiritual, compreende-se que ao contrário do psíquico, este proporciona-lhe a liberdade, que se refere ao transcender, sair da realidade meramente material buscando uma realidade que está além do palpável. "A vida espiritual é o âmbito mais próprio da liberdade: aqui, o *eu* pode realmente gerar algo partindo de si mesmo" (STEIN, 2019, p. 395). Neste contexto, Edith afirma que a liberdade proporciona ao homem ser criador de algo a partir de si mesmo, não agindo meramente de forma representativa, mas sendo capaz de criar coisas novas, pois com a sua criatividade e liberdade torna-se um ser criador de coisas inferiores a ele.

Sabendo que o homem é este ser livre, ainda é válido ressaltar que a sua liberdade, de acordo com o pensamento de Edith, não é como a liberdade do Ser gerador de todas as coisas, pois está condicionada. Esta liberdade é condicionada por quem o criou. Isso quer dizer que mesmo sendo livre, o homem ainda possui as suas limitações, pois é um ser finito, incapaz de possuir o conhecimento e acesso sobre tudo o que existe. Ele é livre e ao mesmo tempo não é autossuficiente capaz de determinar todas as coisas conforme os seus meros desejos.

> [...] incapaz de configurar toda sua vida em ação livre. O espírito puro e criado está limitado somente em sua liberdade pelo fato de não ter seu ser por si mesmo, mas recebe-lo, e de recebê-lo por meio de toda a duração de seu ser como um dom constantemente renovado. Toda liberdade nas criaturas é uma liberdade condicionada (STEIN, 2019, p. 394).

Neste contexto, Gilson Bavaresco, afirma: "Nesse sentido, reemerge na sua descrição a pessoa espiritual, como um sujeito livre, frente aos condicionamentos que atuam sobre os outros seres vivos" (BAVARESCO, 2017, p. 199). Deste modo, compreende-se que além do agir em si mesmo através da liberdade, a pessoa humana pode ter acesso aos outros seres vivos. Prosseguindo, ele reitera que "Stein descreve a espiritualidade como originariamente sendo uma abertura para si e para o diferente de si [...]" (BAVARESCO, 2017, p. 200), compreendendo, dessa forma, que o homem, sendo um ser espiritual, tem essa abertura para o conhecimento de si e do outro, além de tudo o que está no mundo, além da abertura para o transcendente, pois a espiritualidade permite ao homem ter acesso a uma realidade imaterial, ou seja, espiritual, que está fora do seu ser. Mariana Bar Kusano ressalta que Stein enfatiza a questão da alma como um ser livre além disso faz uma diferenciação da alma para os espíritos puros.

> Quando Stein fala em alma, deve-se entender uma só alma, a alma espiritual significa que ela possui um ser, uma natureza espiritual aqui entendido no sentido de *spiritus*, como *hálito* que sopra para onde quiser. Ela é diferente dos espíritos puros ou dos espíritos incorpóreos, como anjos e demônios, pois ela é o centro do ser de uma natureza espiritual-corporal (KUSANO, 2014, p. 86).

Através dessa possibilidade de sair de si, o homem se reconhece como um ser livre, e essa liberdade dá a ele a habilidade de, emergindo no campo espiritual, buscar algo que dê sentido à sua existência, uma vez que em suas investigações acerca da sua própria existência no meio físico, nada é capaz de dar-lhe uma explicação convincente. Portanto, o homem tem essa abertura e a possibilidade de que possa encontrar algo que corresponda às suas expectativas no que concerne ao sentido de sua existência. Realizando essa transcendência, o homem não se desliga do seu eu, mas permanece em si e através da sua abertura alcança realidades inacessíveis por outro meio que não seja o espiritual.

Por meio de todo o existir humano, o homem, com as suas capacidades, observando-se, primeiramente, bem como ao mundo e tudo o que existe, consegue perceber-se e até compreender-se na sua realidade finita. Ele entende que é um ser que está acima das outras criaturas existentes no mundo, com um grau de capacidades mais elevado. Porém, mesmo em meio a essas capacidades, ele, ainda assim, é um ser limitado e finito. Ao chegar a essa conclusão abre um novo horizonte de questionamento.

Todo este processo que o homem realiza em busca do conhecimento de seu próprio ser e dos demais seres se caracteriza como uma ação da liberdade. Pois ele não é privado de se questionar, nem muito menos de investigar em busca das respostas para suas questões. Se ele é um ser livre, porém limitado, e em seu ser sempre tende a algo que está além dessa finitude, o que seria esse ser que se torna o objeto de pesquisa do homem?

Conforme o pensamento filosófico de Edith Stein, analisado por Nogueira pode-se perceber que "[...] é preciso pontuar que nunca atingiremos a completude de nós mesmos, porque, sendo pessoa somos mistério inesgotável" (NOGUEIRA, 2019, p. 558). Neste sentido, compreende-se que, por mais que o homem encontre respostas para muitos de seus questionamentos, ele nunca chegará a cessá-los, pois entende-se como um ser finito, e nesta finitude não consegue atingir a completude do conhecimento, mas chega ao entendimento de que sendo ele finito, existe um ser Infinito que é causa de todas as coisas. Essa compreensão se dá pelo fato de que em sua alma existe um anseio por algo que está fora, e que nada no meio material é capaz de preenchê-lo.

3 O SENTIDO DA EXISTÊNCIA DO HOMEM

Como já foi exposto até o momento, para Edith Stein o homem é um ser livre e racional, capaz de ir em busca do sentido das coisas existentes, inclusive da própria existência. Indo de encontro ao pensamento de Stein, Victor Frankl afirma que "a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida" (FRANKL, 2008, p. 124). Logo, pode-se considerar que o homem vive naturalmente em busca de sentido para a sua existência.

Através das características que são típicas do homem, ele vive uma inquietude, ou seja, busca sempre a compreensão do seu próprio ser, pois ele conspira por algo que não está em si mesmo. O ser humano em todo o decorrer de sua vida se questiona, primeiramente, sobre a sua própria existência e do mundo ao seu redor, depois vive uma busca incessante pelo sentido dessa existência. Segundo Edith Stein, o homem ao compreender-se como um ser tríplice (corpo, razão e alma), percebe que mesmo encontrando esta caracterização, ainda não chega ao ponto final da investigação acerca dele. Pois não é o bastante e os seus questionamentos não cessam nisso (STEIN, 2019).

Ao determinar o homem como um ser racional, limitado e livre, cabe observar que todas essas características proporcionam a ele uma abertura, pois todas essas não são o bastante para defini-lo. Uma primeira característica que indica a abertura do ser humano é a sensibilidade com seu semelhante, a ponto de se colocar à disposição e sentir-se comovido com uma determinada situação que ocorre na vida de seu semelhante, o que faz ele agir de forma empática, ou seja, colocando-se à disposição para ajuda-lo, pois consegue sentir a dor do próximo. O homem, ao se voltar para o outro, demonstra que não é um ser autossuficiente, mas que busca a completude fora de si. O contato com outro ser humano dá a visibilidade de que é um ser em abertura, que está em constante busca por uma completude.

O homem e a mulher ao se relacionarem e viverem uma intimidade, estão buscando um no outro a completude. Os desejos que brotam em um são correspondidos e atendidos de forma recíproca; dão a ambos a sensação de prazer, de realização, porém, este sentimento não é algo permanente, ele necessita ser constantemente alimentado, do contrário surgem as carências e até os desafetos. Além disso, apenas esta completude momentânea não é o suficiente para dar ao ser humano a paz interior onde seus anseios são completamente saciados. Existe neste ser algo que não pode ser saciado com meros sentimentos e desejos finitos, ele vive, além dessa abertura para o outro, uma abertura, que pode ser percebida por meio dessa, para algo infinito.

Mendes relata o seguinte acerca do sentido da existência humana:

> O ser que por sua vez é considerado como devir (que se encontra a caminho), está sempre em busca de respostas acerca de seu ser verdadeiro: 'Nosso ser, que é um devir, um passo permanente e que se apresenta sempre como algo em caminho havia de ser verdadeiro, nos revela a ideia do ser verdadeiro, do ato puro, perfeito e eternamente imutável' (MENDES, 2013, p. 28).

O devir do homem, com sua finitude, revela a infinitude perfeita de um Ser eternamente imutável. O ser do homem, por sua natureza, aponta para existência de um outro Ser que dê a este o sustento que ele necessite, pois, havendo este único Ser Infinito e Eterno, compreende-se que o ser finito do homem é derivado deste Ser Eterno que lhe dá o sustento necessário para a sua vivência desde a sua concepção, sendo que este mesmo Ser, dá início à existência do homem e o mantém durante toda a sua vivência.

3.1 O homem como um ser que busca o sentido da vida

O homem em sua realidade finita é considerado, na visão steiniana, um ser incompleto, incapaz de realizar-se por si só, e por isso está em constante busca por compreender a si mesmo. Para que se possa compreender tal busca incessante, Edith adentra ao âmbito filosófico por meio da fenomenologia[9], para ter uma clareza acerca dessa investigação que o homem faz dele mesmo. Ela critica a filosofia da época por não contemplar e dar respostas convincentes para tais questionamentos. Por isso ela se utiliza do método fenomenológico, com o intuito de corresponder e preencher as lacunas existentes até então.

> [...] Stein estava convencida de que 'a fenomenologia, no interior da pesquisa filosófica do século XX, fosse talvez a única posição que, por não estabelecer nenhuma relação com a tradição filosófica cristã, permitiu em alguma medida colocar em contato os dois mundos' promovendo, assim, uma aproximação que deixa entrever a conexão entre a especulação filosófica e a adesão a Revelação (KUSANO, 2014, p. 50).

Entende-se deste modo que Stein se utiliza da fenomenologia para buscar dar respostas adequadas para tais questionamentos latentes no período. Todo o pensamento criado no período da filosofia moderna não concebia a ideia de Deus como causa e sentido do ser. O pensamento filosófico neste período era conduzido pela ideia de que tudo deveria ser explicado por meio da

---

[9] Fenomenologia – "constitui uma das bases sobre as quais Edith Stein formula as questões filosóficas, tendo como fio condutor do pensamento a estrutura ôntica do indivíduo humano. A forma de proceder na análise antropológica realizada por ela (Edith) absorve em seu interior os ensinamentos da fenomenologia e, consequentemente, expressa-se enquanto uma antropologia fenomenológica" (KUSANO, 2014, p. 28).

razão natural sem adentrar ao âmbito da fé. Se contrapondo a este pensamento, Stein se utiliza do pensamento de Husserl e Tomás de Aquino em seu livro: *Edith Stein textos sobre Husserl e Tomás de Aquino* e explana a respeito da investigação filosófica que não pode ficar apenas no âmbito da razão natural, pois esta é incapaz de contemplar todas as questões do ser.

> Agora vem o grande porém de Tomás: ele nunca aceitaria que esse *o caminho da razão natural* é o único caminho do conhecimento, nem que a verdade passaria de uma ideia que – jamais sendo plena – deve ser efetivada num processo interminável. A verdade plena é; há um conhecimento que a abarca totalmente e que não é um processo interminável, mas uma interminável e calma plenitude. Esse é o conhecimento divino. Ele pode, a partir da plenitude, comunicar-se a outros espíritos, e comunicar-se de fato, segundo a medida da capacidade de captação deles. A comunicação pode acontecer de diversos modos (STEIN, 2019, p. 103, grifos nossos).

Neste contexto Stein se utiliza do pensamento de Tomás para esclarecer que na busca pela verdade a filosofia se utiliza de todos os meios possíveis para chegar a uma resposta convincente, se a razão natural deixa lacunas é necessário, segundo Tomás, adentrar ao conhecimento da razão divina e nesta mesma linhagem Stein se utiliza da fenomenologia para investigar a essência das coisas. Vale ressaltar ainda que "a filosofia não se contenta com um esclarecimento provisório, mas sua meta é chegar à clareza última: quer [...] (dar conta) até os últimos fundamentos que se possa alcançar" (STEIN, 2019, p. 47). Neste contexto, de acordo com Stein, para se alcançar a verdade e consequentemente o sentido da existência não se pode contentar-se com algo que ainda deixa vazios, ou seja, que abre margem para mais questionamentos. Por isso ela se utiliza do método fenomenológico para uma investigação mais profunda do sentido do ser.

Segundo Stein, "[...] a vida consciente do eu depende, por seus conteúdos, de um duplo 'mais além', de um 'mundo exterior' e de um 'mundo interior' que se manifestam na vida consciente do eu, nessa esfera de ser que é inseparável do eu" (STEIN, 2019, p. 81). Deste modo, ela compreende que a vida do homem manifesta essa dependência de algo mais além. O homem, através de sua capacidade racional, questiona-se e passa a investigar a si próprio, não se contentando com as respostas até então dadas. Edith percebe que o homem é um ser mais complexo, porém, não é um ser qualquer, criado por si ou do nada, mas que tem um fundamento maior.

Sendo este ser dependente, é compreendido por Stein como um ser que não encontra fundamento em si próprio, pois, sendo finito, vive em uma dependência desde o seu nascimento, da mesma forma em que, como não depende dele o seu surgimento, não pode determinar

também o processo de interrupção, de forma natural, da sua vida. A filósofa encontra no homem esta dependência, entendendo que o próprio ser do homem aponta para a existência do Ser supremo do qual o homem depende. "Tanto em seu interior como no mundo externo, o homem encontra indícios de algo que está por cima dele e de todo o resto, e do que ele e todo o resto dependem" (STEIN, 2019, p. 594).

Além de não possuir fundamento em si próprio, Stein afirma que o homem foi colocado na existência e é conduzido do início de sua vida até o seu fim, sendo vulnerável a ter a sua vida interrompida, não por seu próprio querer, mas por obra daquele que deu a ele a existência e fez desenvolver-se.

> O ser do eu é algo que vive de momento em momento. E não pode "parar", sendo que foge "incontrolável". Assim não chega jamais verdadeiramente a se possuir a si mesmo. Por isso estamos obrigados a designar o ser do eu, esse presente continuamente cambiante, como uma coisa *recebida*. É colocado *na existência* e ali é mantido de um instante a outro. Dessa maneira se dá a possibilidade de um começo e um fim e também da interrupção de seu ser (STEIN, 2019, p. 81).

Assim que fora promovida ao doutorado, Edith Stein foi convidada por Husserl para ser sua assistente. Foi então que conheceu Heidegger, que posteriormente a sucedeu no exercício de assistente de Husserl. Heidegger utiliza-se do método fenomenológico em suas obras, o que faz ganhar ainda mais o interesse de Stein, interesse esse que não quer dizer concordância com a forma de pensar, mas de investigar. Na construção de sua principal obra, *Ser Finito e Ser Eterno*, Stein leva muito em consideração o pensamento de Heidegger, pelo fato de serem bem aceitas no momento e de impulsioná-la a investigar de forma ainda mais profunda a questão do ser, buscando trazer respostas melhores do que o seu contemporâneo. Edith se utiliza da obra *Ser e Tempo* de Heidegger e o contrapõe em alguns pontos que são essenciais para ela, como por exemplo o sentido do ser (DOWELL, 2017).

3.2 A filosofia do Ser de Heidegger a partir da visão de Edith

Edith Stein e Martin Heidegger foram contemporâneos, confrontaram seus pensamentos a respeito do sentido do ser. Stein, no entanto, através da filosofia cristã, compreende o ser como tendo em si um sentido, ao contrário de Heidegger que compreende o ser como um ente lançado no mundo.

De acordo com a visão de Stein sobre a teoria do ser de Heidegger, para que se compreenda o sentido do ser, se faz necessário que se investigue a partir do próprio ser o que é o homem, pois para ele o homem, ao passo que tem a capacidade de se questionar, tem ainda mais a capacidade de atender a esses questionamentos.

> Heidegger considera que, para obter resposta à pergunta pelo sentido do ser, deve-se perguntar ao ente, e não a um ente qualquer, mas ao ente *a cujo ser pertence perguntar pelo sentido do ser e certa compreensão provisória ('pré-ontológica')* do ser. Esse ente que somos cada um de nós recebe a denominação de "Dasein" (STEIN, 2019, p. 574).

Stein considera que Heidegger afirma, em sua busca incessante pelo sentido do ser, que se faz necessário investigar o próprio ser (*Dasein*). Somente ele tem as respostas adequadas para os diversos questionamentos levantados ao longo do tempo. O *Dasein*, é aquele que questiona e que tem as respostas em si mesmo para as suas interrogações. Ele "[...] se compreende a si mesmo como ente no mundo e compreende a significatividade do mundo" (STEIN, 2019, p. 576).

Utilizando-se agora diretamente do pensamento de Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, percebe-se que ele se expressa afirmando que o ser se caracteriza como algo que não possui em si a totalidade, ou seja, existe uma pendência no que se refere ao poder-ser. Com isso, cabe ao *Dasein* "buscar na própria presença o sentido de seu chegar-ao-fim e mostrar que esse 'findar' pode constituir todo o ser desse ente que existe" (HEIDEGGER, 2006, p. 316). Entende-se, a partir deste pensamento heideggeriano, que o sentido da existência do *Dasein* está em seu fim, pois só se pode compreender o ser se este possuir um fim.

O homem, tendo esta compreensão na perspectiva heideggeriana, sente-se angustiado, levando em consideração que, a partir da sua capacidade racional, ele chega à conclusão de que a sua vida encontra sentido em seu próprio fim. Isso porque ele é um ser apenas lançado no mundo, sem algo que o governe e o conduza para um caminho seguro. Se torna angustiante para este ser, sentir os anseios, mas saber que tudo isso é algo temporal, finito. "A angústia com a morte é angústia 'com' o poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável. O próprio ser-no-mundo é aquilo com que ele se angústia" (HEIDEGGER, 2006, p. 326). Essa angústia que o filósofo relata procede da finitude do ser. O ser se reconhece como algo meramente limitado que não encontra um sentido último para a sua existência que possa proporcionar-lhe uma realização se si mesmo em saber que não é algo simplesmente lançado no mundo, mas que existe um sentido e um por que e para que ele existe.

A angústia aqui relatada na perspectiva de Heidegger não se dá simplesmente pelo medo ou desconhecimento de algo exterior, mas do próprio ser existente no mundo.

> [...] a angústia nem sempre é medo de algo intramundano, mas do próprio ser no mundo. E mais, a angústia é o primeiro que torna visível o 'mundo' como tal. É a angústia diante do estar só no mundo (como 'solus ipse'), [...], aquilo *por* que o *Dasein* se angustia é seu poder ser no mundo (STEIN, 2019, p. 580).

O angustiar-se do *Dasein*, consiste em seu estar no mundo. A partir disso compreende-se como um ser no tempo, porém sem uma explicação concreta daquilo que é exatamente e que possa dar sentido a sua existência. O Dasein se compreende simplesmente como um ser lançado no tempo, o qual não vê a partir de si e do mundo como um todo, um sentido concreto do por que e para que existe. Essa angústia é compreensível, na visão heideggeriana, porque neste contexto não é possível se ter um sentido último para tal existência. O estar lançado no mundo é algo, para o *Dasein*, angustiante, ao passo que não encontra explicação para a existência, ou seja, uma precedência. E o *Dasein* sente este vazio no seu estar no mundo, porque em seu ser existe a necessidade de um sentido que não seja o fim.

Stein, analisando o pensamento heideggeriano, difere em sua teoria no que se refere à existência e sentido do ser. Para ela, o *Dasein* ou *ser-aí* tem em si a abertura para um mundo espacial, além de possuir a abertura para si mesmo, sendo capaz de compreender-se (STEIN, 2019). Neste sentido, o ser possui abertura para descobrir o sentido de sua existência. Por essa capacidade, é possível ao ser compreender-se através dele mesmo, bem como buscar o sentido da sua existência no que está de modo superior a ele. Essa abertura faz com que ele se perceba finito e necessitado de um Ser Infinito.

Para Stein o ser não é algo que não tenha em si um fundamento, mas a existência deste ser remete à existência de um outro Ser no qual este ser meramente finito está ligado. A angústia referida por Heidegger, em Stein, pode ser compreendida como a abertura do ser para encontrar através deste anseio o sentido último de sua existência. Edith não comunga da ideia de Heidegger de que o sentido da existência do ser está em seu fim. Além disso, Heidegger não concorda com a ideia da abertura do ser para o Eterno. Já para Stein, o sentido do ser está além desta realidade finita, e a abertura do ser para si e para um ser que está acima de si mesmo remete a uma dependência e um sentido último, tendo em vista que o ser aspira por algo que está além de si mesmo. Além disso, Stein não aceita a concepção de Heidegger que não concebe o ser humano como um ser dotado de alma e entende a temporalidade do homem como uma forma do ser finito encontrar espaço e se sentir participante de um Ser Eterno.

3.3 O sentido do ser na perspectiva steiniana

No que se refere a busca pelo sentido da vida, Stein não se conforma com aquilo que Heidegger expõe. Em sua perspectiva, ela vê algo além da visão heideggeriana, pois para ela, o *Dasein*, compreendido como homem, não está simplesmente lançado no mundo, nem existe para a morte, mas todo o seu existir possui em si um sentido maior. De acordo com Dowell, em *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação,* Stein, julgando as análises de Heidegger, conclui que elas são incompletas. "Por exemplo, o 'ser jogado' (no sentido de que o ser humano se encontra simplesmente existindo como um fato inelutável que não depende dele) não pode excluir, como faz Heidegger, a pergunta sobre a sua origem (donde venho)" (DOWELL, 2017, p. 19). Nessa perspectiva, percebe-se a diferença de pensamentos entre os dois filósofos, levando em consideração a investigação sobre o mesmo ser: o homem. Edith demonstra que não é possível vetar o homem de se questionar sobre o sentido da sua existência. Ainda que ele estivesse apenas jogado no mundo, mesmo assim caberia o questionamento com o intuito de descobrir a sua origem e o sentido para o qual está destinado.

Ainda nessa perspectiva, Silva (2020) afirma que, segundo o pensamento de Stein,

> É a partir da compreensão do ser lançado na existência e limitado que se abre a investigação: De onde provém, então, esse ser lançado? [...] Edith analisa duas possibilidades: o eu recebe o seu ser do 'mundo mais além', no qual recebe o conteúdo de suas vivências do mundo exterior ou interior, ou dos dois ao mesmo tempo; a segunda possibilidade seria que o eu deve seu ser ao ser puro e eterno (SILVA, 2020, p. 32).

Neste sentido, entende-se que, mesmo contando com a possibilidade do ser ter sido apenas lançado na existência, ainda é possível se questionar sobre a precedência de sua vida, pois tendo sido lançado, pressupõe-se a ação de algum ser que tenha realizado essa ação. Tal fato se dá pela impossibilidade dele mesmo ter se lançado, pois se houvesse acontecido dessa forma, o ser do homem seria causa dele mesmo, algo que sabemos que não é cabível dentro da existência do homem, como ser finito, que não tem total controle sobre a própria existência.

Ela percebe que no íntimo da pessoa humana existe um anseio por algo que está além. Isso pode ser identificado pelo fato de as pessoas estarem sempre em busca de algo que as satisfaça. Além de ser um ser animal, racional e livre, o homem é um ser que durante todo o seu existir é necessitado. Primeiramente, para existir é necessitado de quem os cria (pai e mãe), e no decorrer da sua vida há nele sempre a indispensabilidade de coisas básicas, como

alimentação, entre outros aspectos. Tudo isso leva a perceber que este homem não é um ser autônomo, dono de si mesmo.

No decorrer da existência humana até aos dias atuais, o homem foi criando outras necessidades além das biológicas. Isso indica que, ao estar nessa abertura por buscar a satisfação, ele tem em si a necessidade de satisfação. O seu ser é necessitado de algo que o preencha. No decorrer de sua vida cria não apenas carências básicas, que vão dando pequenos prazeres, mas, além disso, os meios para que essas sejam satisfeitas.

A partir disso, abre-se uma margem para se entender o quanto o homem possui em si um anseio por uma satisfação, e aqui não se refere simplesmente a satisfação emocional ou biológica, mas o próprio corpo do homem carrega consigo necessidades. Tais aberturas para este saciar-se são percebidas e sentidas na pessoa humana e não são correspondidas de forma totalmente satisfatória por aquilo que o homem encontra, pois em todas as etapas da vida humana o homem está em uma incessante busca pelo preenchimento total. Compreende-se dessa forma, que sendo o homem este ser limitado, mas com essa abertura para os prazeres, e tendo em vista que nada o preenche por inteiro, pelo fato de as coisas criadas não serem capazes de satisfazê-lo, tem-se uma única possibilidade: o homem só consegue se preencher por inteiro com aquele que não foi criado, pois somente o incriado possui em si a infinitude, e é esta infinitude que o homem tanto anseia no seu íntimo.

Ao contrário de Heidegger, a visão steiniana traz a concepção de que o homem não foi lançado no mundo, mas colocado na existência. Ela afirma que "o ser do eu é algo que vive de momento em momento" (STEIN, 2019, p. 81). Deste modo, cabe compreender que o homem possui em si um ser que vive a cada instante, mas não possui a si mesmo. Assim, não cabe a ele controlar todo o seu mover e existir. Sendo, pois, colocado na existência é "[...] ali mantido de um instante a outro. Dessa maneira se dá a possibilidade de um começo e um fim e também da interrupção do ser" (STEIN, 2019, p. 81). Sendo mantido, não o é por si mesmo, mas pressupõe a existência de um outro Ser que o mantém na existência e o conduz desde o início ao fim.

A certeza de que não está lançado no mundo e abandonado ao seu bel prazer, mas sim colocado e é conduzido por algo que o mantém, dá ao homem uma segurança necessária para não se angustiar mediante o estar no mundo.

> Essa segurança do ser está aprovada como objetivamente sem fundamento e, portanto, como 'racional'? A atitude razoável frente a vida 'uma liberdade para a morte, apaixonada [...] segura de si mesma e angustiante?'. De nenhuma maneira. Porque, ao fato inegável de que meu ser é fugaz e se prolonga de um momento a outro e se encontra exposto à possibilidade do não ser corresponde outro fato, também inegável, de que eu, apesar dessa fugacidade, *sou e sou*

> *conservado no ser* de um instante a outro; enfim, em meu ser fugaz, eu abraço um ser duradouro (STEIN, 2019, p. 84).

De acordo com Stein, essa segurança que o homem possui não é provinda de sua própria racionalidade, mas sim do fato de que o ser do homem é conduzido no tempo, e se sustenta não por si mesmo, mas devido a um Ser duradouro que o conduz no decorrer da vida. A própria fugacidade do ser pressupõe a existência, e não só isso, mas a necessidade de um ser que seja duradouro, pois um outro ser fugaz não é capaz de ter domínio sobre o ser fugaz do homem.

Vale ressaltar ainda, segundo Stein, que "eu sou sustentado, e esse apoio me dá tranquilidade e segurança; certamente não é a confiança segura de si mesma do homem que, com sua própria força, se mantém de pé sobre um solo firme, mas a segurança doce e feliz da criança que repousa sobre um braço forte" (STEIN, 2019, p. 84). Essa tranquilidade obtida pelo homem não se fundamenta em si, uma vez que ele é um ser temporal, que logo se esvai. O ser do homem não se fundamenta em si mesmo para obter a certeza da segurança, mas ele sente-se sustentado, amparado, pois o mesmo ser que o colocou no mundo o mantém seguro. Esta certeza não equivale apenas em estar nesse mundo, mas uma certeza de que exista algo reservado para além deste. Ou seja, um retornar para os braços seguros e fortes daquele que o colocou no mundo. Da mesma forma em que a criança repousa nos braços seguros e fortes.

3.4 O Ser finito revela a necessidade de um Ser Infinito

Estando em constante devir, o ser do homem está em busca natural pelo sentido de sua existência. Neste contexto entende-se que o que dá sentido à existência do homem não é nenhum ser palpável existente no mundo, pois todas esses seres existentes, até mesmo o ser que dá a sensação de completude ao homem, não é capaz de o preencher por completo. Destarte, vale ressaltar que só existe uma possibilidade de sentido para a existência do homem, o Ser que o criou. Este é o único capaz de saciar os anseios vividos pelo homem, pois, sendo o homem um ser finito que vive em uma busca incessante por algo infinito e eterno, e só existindo um ser que possui essas características, é notório que somente este Ser Eterno dá sentido a existência do homem e o preenche por completo, dando-lhe saciedade.

Através da liberdade e do prazer humano na relação pessoal entende-se que o homem tem a abertura para perceber que não é possível se saciar meramente com este contato entre seu semelhante, nem tão pouco com as coisas dispostas no mundo a seu favor. Com isso, a sua alma

passa a sentir o anseio por algo maior. Segundo Éric de Rus, em *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, teologia*:

> [...] a pessoa é a partir da sua própria profundidade, abertura à profundidade da vida divina. A partir deste ponto mais alto, podemos dizer que a solidão insuprimível característica da pessoa humana, em sua individualidade, longe de ser uma solidão de isolamento, é uma solidão de encontro (RUS, 2017, p. 136).

É a vivência da nossa própria profundidade que nos mostra que somos abertos à uma profundidade que é caracterizada como divina, pois não está no âmbito pessoal nem finito. Através da solidão vivida na individualidade, se tem um encontro da pessoa consigo e a percepção também do outro. Mergulhando na profundidade inacessível por completo, que é a pessoa humana, tal movimentação concede a ele essa percepção de que no seu interior existe a carência por algo que, nem seu semelhante, nem nas coisas materiais existentes neste mundo finito, são capazes de preenchê-lo. Contudo, compreende que este seu anseio insaciável só se torna saciável pelo Ser Eterno, e é nisto que consiste o sentido da existência do homem na sua necessidade de buscar o Ser Eterno.

3.5 Quem é este Ser Eterno na visão filosófica de Edith Stein?

Tendo analisado o ser finito e chegado a essas conclusões, Stein afirma que o Ser Eterno, que dá sentido à toda a existência do ser finito, não pode ser algo criado nem muito menos receber a vida, sendo que é dele que emana toda a vida existente. "Consideramos o *Verbo Eterno*, o *Logos*, como a *unidade do sentido* que contém em si toda a plenitude de todo sentido, como o arquétipo de todas as unidades de sentido finitas" (STEIN, 2019, p. 437). Em vista disso, ressalta-se que é exatamente este Ser incriado que dá o sentido à existência, bem como encaminha o ser finito no decorrer de sua vida para um fim último. Tudo o que compõe o ser finito deriva deste Ser Eterno, bem como sente-se necessitado d'Ele.

Ilustrando ainda melhor essa necessidade que o ser finito tem de algo infinito, Stein conclui que "assim como a fugacidade e a *caducidade* do ser finito nos descobrem a necessidade de um ser eterno, de igual maneira a imperfeição de toda essência finita nos revela a necessidade de uma *essência* infinitamente perfeita" (STEIN, 2019, p. 269). Com isso, salienta ainda mais a finitude da pessoa humana, que está em constante busca por algo infinito. O próprio ser limitado do ser humano conduz a existência de algo ilimitado pois ele em si mesmo não se plenifica, mas carrega consigo a necessidade de um ser que está além dessa existência. O ser

humano, sendo este ser de essência finita, revela a necessidade de algo que vai além. Este algo, ou seja, essa essência infinitamente perfeita, Stein define como sendo Deus, o criador do homem, e para o qual o mesmo é dependente e está destinado.

Para que chegasse a essa conclusão, Stein tinha consigo a concepção de que a fenomenologia fosse a única saída, por não possuir vínculo com a filosofia cristã que pudesse, assim, aproximar esta da especulação filosófica. Portanto, se utiliza da linha de pensamento de Husserl e Tomás de Aquino, já que, segundo Kusano, os dois "[...] acreditavam que fazer filosofia era um exercício sério, rigoroso e conquistado pela razão humana que, passo a passo, desvela um *logos* ou uma *ratio* [...], um sentido que se encontra por trás de tudo aquilo que é ou do que seja possível o entendimento descobrir" (KUSANO, 2014, p. 50).

Entre esses dois filósofos existe uma discrepância no âmbito filosófico. Husserl se distancia da filosofia cristã, pois para ele a fé se encerra no âmbito religioso, não podendo, dessa forma, introduzi-lo no campo filosófico. Já para Tomás, a filosofia humana não é o bastante, pois em incessantes buscas não se chega a uma verdade plena, unicamente pela razão humana. Por outro lado "[...] o conhecimento divino, que em sua plenitude, abarca uma verdade completa e a comunica de diversos modos a outras mentes" (KUSANO, 2014, p. 51).

Stein se encaminha seguindo o pensamento filosófico de Tomás de Aquino através da filosofia cristã. Ela conclui que este Ser Eterno é exatamente o próprio Deus, sendo que pela luz unicamente da razão humana não se encontra nenhum ser com tais características. Através do campo filosófico cristão entende-se que

> Deus é a plenitude infinita e a forma perfeita: forma pura, porque não há nada n'Ele que necessite de uma formação ulterior; por isso, não existe n'Ele nenhuma possibilidade de experimentar ações. Todo ente finito é uma plenitude limitada e formada, mas não está inteiramente formado até seu aperfeiçoamento definitivo (STEIN, 2019, p. 436).

Deus é este Ser que não necessita de nenhum outro para a sua existência, bem como não é um ser que está em formação ou em constante mudança. Ele é o Criador de todos os seres existentes, é d'Ele que emana a vida e é para Ele que está destinado o ser do homem, que vive em constante busca pelo sentido da sua existência.

O homem, sabendo que é um ser criado por Deus e para Ele, só pode ser preenchido e satisfazer seus prazeres n'Ele. Nesse sentido, Santo Agostinho (2002, p. 19) confirma essa relação dependente afirmando que: "... fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousar em ti", enfatizando ainda mais que o anseio do homem só se satisfaz quando repousa em Deus, quando se encontra com seu criador. Até que isso aconteça, o homem

está em constante e incessante busca para realizar-se, pois a vida do homem é uma contínua busca pelo seu criador, este que é o único capaz de o completar. E no decorrer da vida terrena, o homem estará nesta busca pela satisfação dos seus prazeres e desejos. Contudo, é válido salientar que tais desejos só se tornam saciados no contato com este Ser Eterno, Deus, o criador do homem, e ao qual o homem é dependente para em sua existência e para o qual está destinado.

Entre o ser finito e o Ser Eterno existe uma dependência da parte do ser finito, tendo em vista que a sua própria existência tende a um Ser que vai além da sua vida física. Para que possa existir, o homem está em íntima relação de dependência com Deus, pois não se pode pensar a existência do homem por si só, ao mesmo tempo em que este homem, na sua essência, busca por algo que possa lhe dar a satisfação completa.

É por meio da sua dimensão espiritual que o homem transcende e passa a buscar o sentido para sua vida. Nesta abertura, que primeiramente se dá para si e posteriormente para o outro, o homem encontra uma saída para encontrar o sentido do seu viver, pois seria de tudo angustiante e torturante para o homem, ter todas essas capacidades e acima de tudo, o seu ser viver em constante incompletude e, com tudo isso, não ser capaz de encontrar um sentido concreto para o seu viver. Os animais irracionais vivem sem sofrer essas angústias, pois não possuem em si a racionalidade. Quanto ao homem, sendo um ser racional e livre, viver no mundo sem um sentido concreto para o seu existir, o faria viver em constante crise.

Porém, o homem, ao buscar o sentido para o que existe e consequentemente para o seu próprio existir, encontra em Deus o começo e o fim, pois não é um ser simplesmente jogado no mundo, mas colocado, criado pelo próprio Deus e por este mantido na existência à Ele destinado. O Catecismo da Igreja Católica (2000, p. 13) afirma que "Deus, infinitamente Perfeito e Bem-aventurado em si mesmo, em um desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para fazê-lo participar de sua vida bem-aventurada". Este conhecimento, no entanto, não se dá simplesmente por meio da razão natural, mas é necessário olhar por meio da revelação divina, sendo que meramente fundamentado na razão, o conhecimento se torna limitado. É necessário, então, que se abra para encontrar as respostas por meio da fé, não eliminando a razão, mas percebendo que onde a razão não consegue corresponder, cabe à revelação dar as explicações no que concerne ao sentido da existência.

4 O HOMEM COMO A REALIZAÇÃO DE UMA OBRA DE OUTRO QUE O ANTECEDE

Através das investigações fenomenológicas acerca do homem e do sentido da sua existência, Stein compreende que o homem é um ser finito, o qual, para existir, tem a necessidade da existência de um Ser Eterno. Ao longo de suas investigações, ela chega à conclusão de que o homem é a realização de uma obra de um ser que o antecede e antecede tudo o quanto existe. Este Ser que existe antes que tudo existisse e que é o criador de todas as coisas, segundo Stein, é Deus.

Para que se compreenda o homem como a realização do ser do homem, vale recorrer a teoria de ato e potência de Tomás de Aquino, a qual Stein faz referência e aprofunda seu pensamento em sua principal obra, *Ser Finito e Ser Eterno*. De acordo com Stein, é possível compreender Deus como este Ser criador de todas coisas e que não necessita da ação externa de um outro ser para colocá-lo em movimento. Ela faz a relação dos termos ato e potência, em que Tomás de Aquino, utiliza-os designando à Deus e ao homem, porém em graus e significados diferentes.

> A respeito de Deus pode-se e deve-se falar de potência, mas essa potência não está em contraposição com o ato. Convém estabelecer uma distribuição entre potência passiva, e a potência de Deus que é ativa. De igual maneira o ato de Deus não está em um ato no mesmo sentido que o da criatura – segundo um dos significados do termo, que intimamente estão relacionados – quer dizer ação, atividade, que começa, termina e pressupõe uma potência passiva como seu fundamento de ser. A obra de Deus não tem princípio nem fim; subsiste durante toda a eternidade: é a imutabilidade do ser. Não existe nada nele que não seja ato: *actus purus* (STEIN, 2019, p. 28).

Através do pensamento steiniano, compreende-se Deus como este ser gerador de todas as coisas existentes. É Ele o ser primeiro, tendo em vista que em sua existência não é possível identificar a necessidade de uma ação externa para o seu mover e agir. Sendo assim, compreende-se que o ato e a potência do homem, ao contrário de Deus, faz com que ele sofra essa necessidade da ação externa deste Ser que está acima de todas as coisas, que existe antes de tudo e que é causa da existência do ser do homem. Por isso, ela compreende que o homem ao ser atual e potencial, depende da ação de Deus, que é ato e potência ao mesmo tempo, e se torna então, a realização da obra de Deus. Através da grandiosidade do Ser de Deus e da finitude do ser do homem, percebe-se que o homem, ao reconhecer-se limitado, sente-se esta carência do ser que o gerou, e ocasiona na aspiração do ser do homem pelo ser do seu Criador.

Vale ressaltar que a forma de pensar utilizada por Stein não pode ser confundida com a revelação (Teologia), pois tal pensamento é próprio da filosofia.

> Quem ignora o pensamento escolástico[10] poderia ter a impressão de estar à frente de uma discussão teológica, uma vez que se trata do *Criador* e da *criatura*. [...] essas expressões têm um sentido estritamente filosófico, ainda que se haja descoberto pela primeira vez aqueles que, pela revelação, conheceram Deus como criador (STEIN, 2019, p. 29).

Neste sentido, Stein ressalta que não se pode considerar o pensamento que se utiliza da escolástica como fora do campo filosófico, mas deve-se compreendê-lo como conhecimento que alinha fé e razão, ambas unidas, buscando o conhecimento do ser. É importante destacar que ao se utilizar da verdade revelada, Stein afirma que não está se distanciando da verdade natural, mas que a revelação pode também contribuir nas dificuldades no campo filosófico (STEIN, 2019). Fé e razão não devem ser vistas como distintas, mas uma contribui com a outra no processo de busca incessante pela verdade. Onde a razão silencia por falta de argumentos, a fé entra com a sua verdade revelada, demonstrando que não é possível encontrar as verdades apenas pela via racional. Mesmo utilizando-se da fé para dar as explicações acerca do ser, ainda assim se está fazendo filosoficamente.

Segundo Stein, "Deus é a plenitude infinita e a forma perfeita: forma *pura,* porque não há nada nEle que necessite de uma formação ulterior; [...]" (STEIN, 2019, p. 436). Sendo assim, Deus é este ser que dá sentido a existência do homem, pois Ele é o seu criador e o único Ser que não foi criado nem sofre mutação ao decorrer do tempo. Já o homem, como ser finito está em constante transformação, sempre necessitará ser formado até chegar ao seu aperfeiçoamento definitivo. Este aperfeiçoamento definitivo se concretizará quando o homem retornar para o seu criador e nele se realizar por completo, não havendo mais necessidade de busca por uma completude.

De acordo com Nunes (2021, p. 14), Stein discorda do pensamento de Tomás de Aquino quando se refere a individuação, já que "para Tomás de Aquino, a matéria, o corpo, era o princípio da individuação, para Stein esse princípio está essencialmente no núcleo da pessoa e concerne não apenas o corpo, mas o homem todo, que se vai delineando na sua unidade." Para Edith, aquilo que identifica o homem tal como ele é não é meramente o seu exterior, mas sim o seu interior. Para ela o homem não se reduz a uma substância física, mas um microcosmo se

[10] Escolástica –"em sentido próprio, a filosofia cristã da Idade Média. O problema fundamental da Escolástica é levar o homem a compreender a verdade revelada" (ABBAGNANO, 2012, p. 401).

tornando assim um ser único, que além de possuir parte material, possui também a parte espiritual.

De acordo com Stein, "o tratamento do ser finito nos conduziu ao Ser Eterno enquanto ser originário e condicionante de tudo o mais. Conhecemos esse ser originário como pessoal e chegamos, em seguida, ao ser humano que nos é familiar e que nos pode fazer compreender melhor o sentido do ser-pessoa" (STEIN, 2019, p. 402). Neste sentido, entende-se que Edith revela que o próprio ser finito conduz-nos ao Ser Eterno. É através deste conhecimento que o homem chega ao conhecimento de Deus e ao reconhecimento da sua dependência por seu Criador, que é uma relação de intimidade de ambos os seres. Tal relação se dá pelo próprio fato da existência do homem, e de ser compreendido como este ser criado, e que, portanto, depende em grande parte da sua vida da ação do criador para com ele.

4.1 A relação de dependência do homem para com Deus

Sabendo que o homem, na visão steiniana, é a realização de uma obra que o antecede e compreendendo que esta obra é do próprio Deus como ser incriado e incapaz de ser modificado, entende-se que por ser criado, se torna um ser dependente de seu criador. Com isso, de acordo com o pensamento de Edith Stein, pode-se afirmar que existe esta íntima relação entre o Criador e a criatura; uma relação de dependência devido a incapacidade do homem em se manter por si próprio no decorrer de sua vida. Todo o ser do homem remete a uma dependência do Ser Eterno.

> Assim, cada coisa leva em si com sua essência, seu mistério e conduz assim ao que está mais além dela mesma. Assim como a fugacidade e a *caducidade* do ser finito nos descobrem a necessidade de um ser eterno, de igual maneira a imperfeição de toda essência finita revela a necessidade de uma *essência* infinitamente perfeita (STEIN, 2019, p. 269).

Neste sentido, Stein entende a necessidade e a dependência que o homem possui com relação ao Ser Eterno. A partir de seu pensamento, compreende-se que o homem por natureza possui esta carência, este vazio que não se completa com nada que existe que seja finito, mas só é saciado por aquilo que é Eterno. De acordo com suas investigações, ela pressupõe que somente Deus é este ser que dá completude à vida do homem, pois somente Ele é o Ser Eterno, que não foi causado, mas que é causa da existência de todos os seres existentes. Além de proporcionar essa completude, de acordo com Nunes, "Na concepção de Stein, é na relação com Deus que cada alma pode atingir o seu pleno desenvolvimento, pode ser por ela fortificado e ter o domínio do seu corpo e a sua força de compreensão" (NUNES, 2021, p. 22) Ou seja, de

acordo com a autora, o homem está em constante desenvolvimento e para que o tenha de forma plena é necessário a relação com Deus. O homem desenvolve a sua alma e a partir de então adquire o pleno domínio de seu corpo e a compreensão de si mesmo.

O homem carrega em sua essência algo que o conduz diretamente ao ser que está mais além: o Ser Eterno. É natural do ser humano aspirar por Deus, pois já traz em si a marca de seu criador. Assim, percebendo como os membros do corpo humano são necessitados de uma ação que o faça agir, como por exemplo: para que a mão se mova, se faz necessário ter uma ação inicial do cérebro, impulsionando os membros (nervos e articulações) a movimentarem a mão; deste mesmo modo, o homem, sendo um ser finito, tem em si a necessidade do Ser Eterno (Deus), para que se mova e tenha a vida e essa vida seja mantida na existência.

Stein (2019, p. 358) ainda afirma que "o conjunto do mundo criado remete aos arquétipos eternos e aos não vindos de tudo criado, às essencialidades ou formas puras que concebemos como ideias divinas. Todo ser real, submetido, ao mesmo tempo, ao devir e ao passar, está ancorado em seu ser essencial." A partir disso, apreende-se que tudo o que existe como algo criado remete, de forma natural, ao ser Criador de todas as coisas, sendo submetido ao tempo, podendo vir a ser e passar a não ser. Porém, neste sentido, a essência do homem está no seu criador.

Buscando entender melhor a relação de dependência Stein (2019, p. 135) afirma que "o ser 'fugaz' não está em posse do ente que *é* fugaz: este deve sem cessar ser-lhe dado sempre de novo. No entanto, só o que possui verdadeiramente o ser e que é seu senhor, pode dá-lo". Deste modo, Stein reafirma que o ser do homem não é dono dele mesmo, e que não é capaz de se manter na existência por conta própria, mas que o ser é dado por aquele que é seu senhor, ou seja, aquele que conduz a sua vida. Além de ser o dono do ser, Stein atribui ao Ser Eterno outra característica, tendo em vista que este não é apenas isso.

> O que me dá o ser e enche juntamente com ele esse ser com sentido não deve ser somente o dono do ser, mas também do sentido: o ser eterno possui a plenitude do sentido, e não pode 'tomar' senão de si mesmo o sentido, com o que cada criatura fica completa quando é chamada à existência. Assim o ser das essencialidades e das quididades não deve ser pensado independente do ser eterno (STEIN, 2019, p. 135).

Para Stein, o Ser Eterno é aquele que além de criar o ser finito dá sentido a este. Sendo o homem este ser que vive em busca de sentido encontra em Deus este fundamento que conduz a sua vida e a encaminha para um fim último, dando a ele um sentido último. Durante toda a existência do homem, ele vive em constante busca de realização e nesta busca encontra o seu

sentido apenas naquele que o criou, tendo em vista que todas as coisas criadas não lhe dão a saciedade que seu ser necessita. Isto se torna compreensível por meio das palavras de Stein quando diz que "nenhum finito pode satisfazê-lo, nem mesmo a totalidade do finito" (STEIN, 2019, p. 139). A realidade finita do homem tende, de maneira natural, a uma realidade infinita, sendo necessária para dar sentido a sua existência uma realidade infinita. Tal realidade é constatada por Stein como este Ser Eterno, que cria e conduz o homem por todo o percurso de sua existência. Quando se depara com a grandiosidade de Deus e o reconhece como seu criador e senhor, ou seja, aquele que o conduz, passa a sentir-se realizado pelo fato de não estar se encaminhando para algo vazio, mas para aquele que tem fundamento e dá sentido à sua existência.

Stein, fazendo relação ao pensamento de Aristóteles, afirma que "quando Aristóteles refere o movimento do mundo a um autor primeiro do movimento e atribui a esse autor um ser puramente espiritual, é necessário conceber essa causalidade primeira como uma causalidade final graças à qual todo o devir está orientado para o fim supremo" (STEIN, 2019, p. 257). Neste sentido, se torna compreensível que o ser que Aristóteles se referia como causa e finalidade é considerado por Stein como o próprio Deus, que para o homem se torna a causa e o fim último de sua existência. O homem está destinado a um fim, e este fim, de acordo com o pensamento de Stein e do próprio Aristóteles, só pode ser o próprio Deus criador. "[...] O que move a vontade deve ser algo bom, mas o que põe tudo em movimento é o fim último e o bem supremo; [...]" (STEIN, 2019, p. 257). Neste contexto, Edith considera que aquele que coloca todas as coisas em movimento deve ser o fim último de tudo o que existe. Sendo o fim último, não há outra possibilidade de finalidade última senão a este ser todo poderoso. Portanto, o homem está destinado para a sua finalidade com o seu próprio criador.

Em todo o pensamento de Stein, vê-se muito claro o homem como este ser finito que sente a necessidade do Ser Eterno. A relação que existe do ser finito para com o Ser Eterno é uma relação de dependência, onde o homem se encontra em uma situação inferior, mas com um anseio e uma busca por este Ser que dá a ele a sensação de completude e realização dos seus anseios do espírito, que transcendem em busca de um ser que está acima de si mesmo.

Kusano concorda com Stein quando ela fala sobre esta linha de relação do homem para com Deus: "O ser finito para encontrar resposta sobre sua própria existência, sobre sua essência, remete-se a um ser primeiro e infinito que é Deus. Sem essa relação com Deus o ser humano torna-se incompreensível" (KUSANO, 2014, p. 108). Vale ressaltar que o homem tem em si, por natureza, essa abertura para Deus, que dá a ele a capacidade de transcender-se e encontrar Deus, aquele que o sacia e dá sentido para sua existência.

4.2 Abertura do homem para Deus

De acordo com Stein, o homem, por ser este ser tríplice e possuindo em si um espírito que dá a possibilidade da transcendência que o faculta ir ao encontro de Deus, é por natureza um ser que possui em si abertura. Essa abertura começa a se manifestar na própria vida do homem, quando ele sai de si para encontrar a si mesmo, para encontrar o sentido da sua existência investigando o seu próprio modo de ser. Depois dessa busca por si, passa a ir ao encontro do outro, e através da abertura que possui em seu ser busca essa relação com ele. Vale ressaltar que é natural do ser do homem buscar essa relação com o outro, e, a partir de então, encontra em suas investigações a busca pelo ser que está além da realidade finita. Além da busca pelo sentido o homem vive em constante busca pela saciedade. "[...] Todos os seres vivos tendem para a saciedade, e, portanto, para os alimentos que trazem consigo a saciedade" (STEIN, 2019, p. 334). Deste modo, o homem vive em perene busca não apenas pela saciedade do seu corpo físico, mas de seu interior, sua alma que anseia por uma saciedade daquele que o criou e que para quem ele está destinado.

Tal abertura viabiliza este encontro do ser finito com o Ser Eterno. De acordo com Nogueira, em seu artigo *O Ser humano e sua formação pessoal em Edith Stein: um gesto empático*, se referindo à abertura do homem, diz que:

> O ser humano é um ser pessoal, e ser pessoa pressupõe liberdade e espiritualidade, ou seja, o homem possui em si, além da capacidade de conhecer-se por meio do autodiscernimento, também pode conhecer, uma vez que, sendo pessoa, o ser humano é abertura, cuja vivência empática o constitui como ser interpessoal (NOGUEIRA, 2019, p. 253).

De acordo com Nogueira, o ser humano tem uma abertura para si, para o outro e para o transcendente. É a partir desta abertura de espírito que o homem compreende o que existe em si mesmo e ao seu redor, além de buscar uma relação de intimidade com o seu criador. Neste mesmo sentido, Éric Rus afirma que "[...] cada pessoa só pode experimentar sua singularidade única na abertura e relação com um outro eu [...]" (RUS, 2017, p. 132).

Neste mesmo contexto de abertura para o eterno, Stein cita que a alma não tem sua determinação voltada para si mesma, mas

> [...] a alma individual com sua singularidade 'única' não é efêmera, como se estivesse somente determinada a impregnar em si mesma a particularidade específica por uma duração passageira, e, no transcurso dessa duração, a transmiti-la aos 'descendentes' a fim de que ela seja salvaguarda mais além

> da vida individual: a alma individual encontra-se determinada a uma vida eterna, e isso faz com que apareça compreensível que deve reproduzir a imagem de Deus de uma 'maneira completamente pessoal' (STEIN, 2019, p. 520).

Neste sentido, a alma do homem é voltada para esta vivência do eterno. Tal vivência é manifestada já na vida do homem, que em todo o seu viver a sua alma já busca essa proximidade com o eterno. Tal vivência se dá no acolhimento do próprio Deus que se manifesta na alma do homem. A partir de então, o homem, impelido pelo Ser de Deus, passa a manifestar a ação de Deus através de seu próprio viver. Mas, de acordo com Stein, para que o homem seja manifestação do próprio Deus, é necessário que o homem se abra para que Deus haja nele. O homem por natureza possui essa abertura para Deus, porém, pela sua liberdade ele pode ou não permitir que Deus adentre sua vida.

> O fato de que Deus seja acolhido pela alma significa mais que essa se abre livremente a Ele e que se entrega a essa união, de maneira que somente é possível entre pessoas espirituais. Trata-se de uma união de *amor*: Deus é amor e a participação no ser divino, que garante a união, deve ser uma participação no amor. Deus é a plenitude do amor (STEIN, 2019, p. 521).

Ao abrir-se livremente para Deus o homem passa a permitir que Ele adentre em sua alma e conduza o seu ser. Deus, sendo o amor e estando unido ao homem permite que este também faça parte deste amor e o expresse por meio de seu modo de viver. O amor que o homem expressa com os seus semelhantes e com o próprio Deus criador é reflexo da plenitude do amor que é o próprio Deus.

A partir dessa abertura para Deus e do agir de Deus no homem, percebe-se que no homem passa a existir a semelhança de Deus. Ou seja, o modo de ser do homem se torna reflexo do seu criador, pois, assim como Deus é trino, o homem possui uma dimensionalidade trinitária, que advém do seu próprio criador.

4.3 O homem como um espelho de Deus

Stein (2019, p. 480), fazendo uma análise do pensamento de Tomás que só reconhece no espírito humano e nos anjos uma 'imagem' de Deus, acrescenta, além disso, que pode-se perceber a imagem de Deus em toda a criação por meio de semelhanças. Mas enfatiza que, devido o ser racional se distinguir de todas as demais coisas existentes, por possuir uma espiritualidade, este possui uma semelhança mais íntima e de forma diferenciada dos outros

seres. Da mesma forma em que Deus é trino, o ser do homem se assemelha ao criador por possuir em seu ser dimensões que se tornam trinitárias corpo, razão (psiquê) e alma, que possibilitam ao homem se aproximar de Deus e ser realização daquilo que Deus propõe.

Ao abrir-se para Deus e ser penetrado por Ele, é infundido no homem o amor do próprio Criador. "A união no amor tem por consequência uma acolhida espiritual do ser amado, e faz do amante uma 'imagem' do amado" (STEIN, 2019, p. 481). Com isso, entende-se que tal acolhida só é possível por parte dos seres espirituais, ou seja, dos homens. A partir do momento em que é infuso o amor de Deus na pessoa do homem, esta passa a ser imagem, agir com amor, amor este que provém de Deus. Sendo desta forma, o amor de Deus se manifesta em ações concretas na vida do homem. É algo profundo e não é simplesmente um modo de ser supérfluo, e nem acontece em momentos isolados da vida, mas a manifestação de Deus na vida do homem deve ocorrer em todos os momentos, a partir da abertura e do acolhimento do homem para com o seu criador e Senhor.

Seguindo o pensamento de Stein, Nunes (2021, p. 20) relata que "[...] todo o ser é participação no Primeiro Ser e tem nele o seu ponto de partida", afirmando assim que todo ser deriva do Ser que é Criador e causa da sua existência. Sendo participação, tem nele também o seu ponto de partida, e desta forma o seu viver e agir configuram-se de acordo com o Ser que o gera e conduz na história. Para Nogueira, "somos imagem de Deus, porém, somos imagens imperfeitas. Jesus Cristo é a imagem perfeita e a figura modelo de todo o processo formativo" (NOGUEIRA, 2019, p. 561). Neste sentido, sendo imagens imperfeitas, no entanto, buscamos sempre a proximidade de maneira mais estreita possível com o criador, com o intuito de nos assemelharmos e aperfeiçoar-nos a Ele, pois o desejo que está intrínseco ao homem é de completude e esta completude só se concretizará quando o homem retornar para o seu Criador. Enquanto isso não se realiza, no peregrinar da vida finita o homem busca ao máximo se realizar e se completar vivendo em comunhão com Deus.

Em sua obra *Ser Finito e Ser Eterno* Stein explicita bem essa ligação de semelhança do ser finito com o Divino.

> Devemos considerar todo ente finito como uma imagem da essência divina, que deve refletir um raio de magnificência divina. Vem de Deus e está fundado em si mesmo: dotado com sua essência própria e sua existência autônoma. Sua essência está inteiramente determinada pela essência divina, mas fica atrás da essência divina em muitos sentidos: não pode captar em sua finitude a plenitude infinita e não pode alcançar nem a extensão nem o grau da perfeição divina (STEIN, 2019, p. 265).

Neste contexto, ela considera que o homem é a imagem da essência de Deus, é dele que o homem procede. Toda a essência do homem não tem outro fundamento senão o próprio Deus. Aquele que cria coloca na criatura aquilo que é próprio seu. Da mesma forma em que o filho procede do pai e da mãe e possui em si mesmo características próprias dos seus progenitores, o ser humano, ao ter sido criado, adquiriu de seu Criador as características que são próprias d'Ele. Essas características são demonstradas ao longo da vida, desde a concepção do ser humano até a sua morte.

Além disso, vale ressaltar ainda que o ser criado, mesmo possuindo essas características de semelhança com o seu criador, não consegue alcançar a perfeição divina. O homem se encaminha para a perfeição última em seu criador, mas não consegue se tornar tal como Deus, pois esta característica é privada ao ser primeiro, pois tal perfeição não é algo que se conquiste, mas uma característica nata daquele que é gerador de tudo que existe e incriado, existente desde sempre e para sempre. Porém, não quer dizer que o homem não possa chegar a graus de perfeição. Por meio da perfeição de Deus ele adquire graus limitados de perfeição.

Neste contexto de aperfeiçoamento da imagem de Deus na criação, é notório que as coisas criadas pelo homem, de acordo com o pensamento de Stein, devem expressar também a semelhança com Deus. Pode então se perguntar: mas como isso pode ocorrer se o homem cria coisas inanimadas na natureza? Como pode haver essa semelhança? Segundo Stein, o homem, por natureza, carrega em si a semelhança com o Eterno, pelo seu modo de ser, algo que é natural e intrínseco nele. A sua alma aspira por Deus e busca aperfeiçoar-se de acordo com o agir de Deus. Já as coisas criadas pelo homem para a sua utilização particular podem expressar a imagem divina na natureza. "Assim, também o 'criar' do homem devia servir para aperfeiçoar cada vez mais a imagem divina na natureza. Cada 'obra' devia não só ser 'útil' (ou seja, a serviço dos fins do homem), mas também ser 'bela' (ou seja, um 'reflexo do Eterno')" (STEIN, 2019, p. 266).

Analisando esta colocação de Stein, percebe-se que o homem deve expressar a sua semelhança com Deus até mesmo na realização de suas obras, que devem expressar a beleza do Divino. De acordo com ela,

> Pertence à essência de todo ser finito ser 'símbolo' e à essência de todo o material e espacial ser um 'signo alegórico' do espiritual. Aí reside seu sentido secreto e sua interioridade oculta. Precisamente aquilo que o converte em alegoria do espiritual o faz símbolo do eterno, visto que Deus é espírito e o espírito finito é símbolo mais próximo que o material (STEIN, 2019, p. 268).

Neste sentido, o ser finito na sua essência, é símbolo do Ser Eterno e todas as suas obras remetem à um sentido espiritual. Compreendendo que Deus é espiritual e eterno, o homem, por ser um ser espiritual, ultrapassa as outras criaturas na semelhança com Deus, tendo em vista que, pela sua caracterização espiritual, o homem se aproxima mais de Deus do que as demais criaturas que são isentas de tal dimensão.

Apenas o homem foi criado por Deus com o intuito de que pudesse retornar para Ele. Mesmo compreendendo que todas as coisas criadas, desde os animais irracionais até os seres vegetais, possuem em si a alma e que foram criados por Deus, não existe neles nada que os faça transcender, ao contrário do homem que possui em si mesmo essa sede de Deus. O Seu espírito proporciona-lhe essa aspiração e transcendência, o que faz com que se compreenda, de acordo com o pensamento de Stein, que o homem não é semelhante aos demais animais e seres existentes no sentido de que se finda neste mundo finito, mas o homem está destinado para uma vivência eterna, o seu próprio ser já remete a isso.

O homem foi criado por Deus e para Deus, e no decorrer de toda a sua existência vive uma constante dependência do seu criador. O anseio que o homem possui só cessará quando este retornar para Deus, pois Deus não o criou e deu a ele a capacidade da razão e da transcendência para se frustrar com a sua dependência por algo que não fosse possível de se completar. O homem possui este vazio, algo que não é possível preencher com coisas ou seres finitos, mas somente com o Eterno.

5 CONCLUSÃO

O intuito desta pesquisa é compreender, a partir da visão filosófica de Edith Stein, como se estabelece uma relação de dependência do homem para com Deus, entendendo o homem como um ser finito e dependente daquele que é infinito e causa da sua existência. Neste sentido, buscou-se investigar, com base nos escritos da filósofa e de outros autores, não apenas essa relação, mas a pessoa humana como um todo, para posteriormente compreender a finalidade da existência deste ser.

Adentrando ao conhecimento da pessoa humana em sua singularidade, Stein compreende que o homem não é meramente matéria, mas é constituído por corpo, razão e alma. Sendo assim caracterizado, ela o distingue dos animais irracionais e dos vegetais, tendo o entendimento que estes últimos possuem em si uma alma, mas apenas uma alma animal e vegetativa, que não proporciona a eles terem consciência de si mesmos e possuírem a liberdade que é presente na pessoa humana.

Tendo investigado a pessoa humana a partir de sua singularidade e diferenciando-a dos demais seres, deu-se prosseguimento à pesquisa buscando compreender o anseio que o homem possui em si mesmo por algo que está além dele. Essa característica foi identificada por Stein como uma necessidade que o homem possui de Deus. O homem, por não ser causa de si mesmo, é concebido pela filósofa como um ser criado pelo Ser Eterno e pelo qual é mantido na existência. Além de estar mantido, o ser finito está destinado a um encontro com o Ser Eterno, que é a causa, motivo e fim da existência humana. Para se ter este desfecho, foi analisada ainda a visão de Heidegger em relação ao ser, adentrando, em seguida, na perspectiva steiniana que contradiz Heidegger, quando ele afirma que o homem é um ser que foi simplesmente jogado no mundo, não tendo, dessa forma, um sentido último para sua vivência.

Com isso, a investigação sobre o sentido da existência do homem se torna imprescindível, entendendo que ele é um ser de abertura e que tem necessidade de Deus. Segundo Stein, o homem traz em seu ser um anseio que lhe faz aspirar por algo que está além do que é finito. Um dos fatos que nos leva a essa compreensão se dá pela insaciedade que o homem possui em si mesmo. Mediante todas as coisas que lhe dá prazer neste mundo, ainda que consiga sentir-se saciado, tal saciedade se finda com o passar do tempo e o homem continua a buscar a completude para o seu ser. Sendo assim, Stein chega à conclusão de que o único ser capaz de saciar o ser do homem é o Ser Eterno, ou seja, o próprio Deus criador. É somente em Deus que o homem se realizará, quando retornar para Ele.

A partir disso, se entende que existe realmente uma relação de dependência do homem para com Deus, na visão de Stein, pois se torna compreensível que o homem, não sendo causa de si mesmo, e apesar de possuir a liberdade, não tem total controle sobre a sua vida. Além disso, por mais que o homem busque a sua realização completa não consegue alcançá-la, pois sendo finito não consegue preencher o seu desejo pelo que é Infinito. Contudo, entende-se, portanto, que o homem, na visão de Edith, é um participante do Ser de Deus. Decorre desse fato o motivo do homem ser um ser de tríplice dimensão, porque emana do ser de Deus, Uno e Trino.

Mesmo a presente pesquisa tendo discorrido de forma limitada a relação de dependência do homem para com Deus, se tornou acessível a compreensão de que o homem não é um ser meramente material. Ele é muito mais complexo e em seu íntimo possui essa ligação com o Ser Eterno, o que proporciona uma relação dependente pelo fato de o homem ser de realidade finita necessitar a todo tempo do Ser infinito de Deus. Entretanto, vale ressaltar que Deus é realmente a causa da existência do homem: o homem veio de Deus e está destinado a retornar para Ele.

Por fim, vale ressaltar a grande relevância do pensamento de Stein no que concerne à pessoa humana e à sua relação com o seu Criador, onde o homem não é um mero ser jogado no tempo, mas existe um Ser que está acima de tudo o que existe, que o cria e zela por ele. A partir deste pensamento de Stein compreende-se a grandiosidade da pessoa humana e como esta não deve se conter com as realizações temporais, pois foi criado para algo que está além, para a eternidade com Deus.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de filosofia; tradução da 1ª edição coordenada e revisada por Alfredo Bosi; revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante; Introdução de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2002.

BASTOS, Luciene Maria. Platão e a formação humana n'a república. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 21, n.1, p. 295-303, jan./jun. 2013.

BAVARESCO, Gilson. *Ética aplicada e ética normativa*. Por uma antropologia com alma: Edith Stein contra a psicologia sem alma. In: FERNANDES, Alexandre; DALSOTTO, Lucas; NODARI, Paulo. (Org). Conceitos e problemas éticos II. Caxias do Sul: Educs, 2017.

BELLO, Angela Ales. *Edith Stein: a paixão pela verdade.* Angela Ales Bello. Curitiba: Juruá, 2014.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Loyola, 2000.

CRUZ, Manuele Porto. *Pessoa, comunidade e empatia em Edith Stein*. Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

DOWELL, João A. Mac, Sj. *O confronto de Edith Stein com o pensamento do primeiro Heidegger*. In: MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org). Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação. São Paulo: Paulus, 2017.

FRANKL, Victor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.* Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução revisada e apresentação de Marcia de Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a Filosofia.* Mariana Bar Kusano. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

MENDES, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido do ser: o itinerário da existência rumo ao ser eterno.* Instituto Santo Tomás de Aquino. Belo Horizonte, 2013.

NOGUEIRA, Emivaldo Silva. O ser humano e sua formação pessoal em Edith Stein: um gesto empático. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v.29, n.3, p. 552-563, jun./set. 2019.

NUNES, Etelvina Pires Lopes. O desenvolvimento do ser pessoal em Edith Stein. Do núcleo à formação da pessoa. Franciscanum 175, vol. 63, 2021. p. 1-23.

ROSA, Gabriel; SILVA, Edmar. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein.* Revista Crátilo, 8(2): 90-101, dez. 2015.

RUS, Eric de. *Pessoa e comunidade segundo Edith Stein: uma experiência da comunhão*. In: MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org). Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação. São Paulo: Paulus, 2017.

SILVA, Edmundo Araújo da. *A relação entre fé e razão na busca pela verdade a partir da obra ser finito e ser eterno de Edith Stein.* Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí. Teresina, 2020.

STEIN, Edith, *Ser finito e ser eterno*. Coordenação João Ricardo Moderno; tradução Zaíra Célia Crepaldi. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

_____, Edith. *A filosofia existencial de Martin Heidegger*. In. Ser finito e ser eterno. Coordenação João Ricardo Moderno; tradução Zaíra Célia Crepaldi. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019. P. 573-635.

_____, Edith. Obras completas IV: *Estructura de la persona humana*. Traduzido do alemão por Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz Alberto Pérez, OCD; Girlinde Follrich de Aginaga. Vitória; Burgos; Madrid: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2003.

_____, Edith. Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino. Tradução de Ursula Anne Matthias... [et al.]; revisão da tradução e revisão técnica de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019. Coleção Obras de Edith Stein.

ZILLES, Urbano. *Notas sobre o conceito de pessoa em Edith Stein.* In: MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal. (Org). Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação. São Paulo: Paulus, 2017.